



revista cristã
última chamada

Exposição de **7 Mitos** Populares da **Profecia**

**Os Últimos Dias não Podem
ser como Você Pensa!**

César Francisco Raymundo
Coleção Paráfrases

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Exposição de **07** Mitos Populares da Profecia

*Os Últimos Dias não Podem
ser como Você Pensa!*

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada
Coleção Paráfrases

- Maio de 2022 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Exposição de 10 Mitos Populares da Profecia

Os Últimos Dias não Podem ser como Você Pensa!

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

Coleção Paráfrases

- Maio de 2022

Capa: César Francisco Raymundo

Paráfrase criativa do livro:

10 Popular Prophecy Myths Exposed

The Last Days Might Not Be as Near as You Think

By Gary DeMar

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Maio de 2022

Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Temas da Coleção Paráfrases	08
Apresentação da Coleção Paráfrases	09
Prefácio	11
Introdução: <i>Detectando uma mudança sísmica na escatologia</i>	15
1 O Mito da Distinção Israel-Igreja	20
2 O Mito do Estado Moderno de Israel como <i>Sinal de que o Arrebatamento está próximo</i>	31
3 O Mito de que Somente os Dispensacionalistas <i>acreditamnum futuro redentor para Israel</i>	42
4 O Mito da Aliança Abraâmica Adiada	51
5 O Mito da “Teologia da Substituição”	71
6 O Mito que os Sacrifícios de Animais e a <i>Circuncisão são ritos eternos</i>	79
7 O Mito de que o Templo precisa ser Reconstruído	88
Obras importantes para pesquisa	92

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Temas da Coleção Paráfrases

•••••

Identificando os
VERDADEIROS ESCARNECEDORES
dos Últimos Dias

•••••

O Fim dos Tempos e o Anticristo Islâmico
- Exegese de Jornal, Filosofia Profética
e o Mahdi Islâmico do Fim dos Tempos -

•••••

O Apocalipse e o Primeiro Século
Interpretações Preteristas do Apocalipse
no Cristianismo primitivo

•••••

Exposição de 10 Mitos Populares da Profecia
- Os Últimos Dias não Podem ser como Você Pensa! –

•••••

O Fim do Mundo não está em seu Futuro!

•••••

A Loucura dos Últimos Dias!

•••••

Guerras e Rumores de Guerras
- O que Jesus realmente disse sobre o fim da era, terremotos,
uma grande tribulação, sinais nos céus e sua vinda –

•••••

Mateus 24 Cumprido!

•••••

Apresentaçãoda Coleção Paráfrases

Recentemente, adquiri uma quantia de uns quinze e-books sobre a Escatologia bíblica, todos do ponto de vista do Preterismo. Essas obras muito conhecidas nos EUA, e escritas por especialistas famosos no assunto, possuem uma grande profundidade histórica e teológica sobre o tema. Apesar de fazer quase uma década em que me dedico ao assunto, confesso que fiquei impressionado com a riqueza espiritual dessas obras e pensei que elas não poderiam faltar em língua portuguesa. O povo brasileiro tem perdido e muito por não ter esses e-books traduzidos. São temas fascinantes!

Foi aí que resolvi trazer essas riquezas para o público brasileiro. Mas, devido à escassez de recursos, a falta de tempo para traduzir eficazmente, e também, a escassez de verbas para adquirir os direitos autorais, resolvi usar um recurso simples e dentro da legalidade, sem ferir os direitos autorais do autor, evitando principalmente o plágio. Nesse recurso ficaria dispensado uma boa tradução - pois uma coisa é ler no original inglês e traduzir para mim, e outra, mais complexa e demorada, seria traduzir para fazer um e-book.

Então, resolvi fazer uma “paráfrase”. O que é uma paráfrase? Uma paráfrase “é um texto que procura tornar mais claro e objetivo aquilo que se disse em outro texto. Portanto, é sempre a reescritura de um texto já existente, uma espécie de ‘tradução’ dentro da própria língua”.¹ Em uma paráfrase procura-se usar “a mesma ordem de ideias que aparece no texto original”, “não omitir nenhuma informação essencial”, “não fazer qualquer comentário acerca do que

se diz no texto original” e utiliza-se “construções que não sejam uma simples repetição daquelas que estão no original e, sempre que possível, um vocabulário também diferente”.²

A paráfrase tem sido um recurso muito eficiente e leva o escritor a uma grande maturidade e criatividade na escrita. Sepor falta de recursos não podemos traduzir livros para publicá-los, pelo menos podemos resumi-los ou parafraseá-los. Através da Revista Cristã Última Chamada, resolvi lançar uma série de paráfrases dos diversos e-books citados no início. Nessas paráfrases vou seguir de perto o “roteiro” dos autores, as vezes vou citá-los indicando fonte e número de páginas. Também ampliarei a ideia do texto original fazendo adaptações a realidade brasileira. Tudo isso sem esquecer de citar que todo o mérito pertence ao autor original!

Portanto, neste exato momento em que escrevo, dou início a série Coleção Paráfrase, pensando na riqueza espiritual que trará ao sofrido povo brasileiro, tendo sempre a certeza de que para a Glória de Deus, uma Escatologia sadia fará com que nosso povo se torne sadio. Uma Escatologia sem esperança tem feito os crentes em geral cruzarem os braços e, isto, tem trazido incalculáveis prejuízos para o mundo.

Precisamos urgentemente mudar o mundo através da obra de Cristo!

Em Cristo nosso Senhor,

César Francisco Raymundo
Editor da Revista Cristã Última Chamada
Domingo, 10 de Setembro de 2017

Notas:

1. https://www.colegiodante.com.br/escola/webquest/e_medio/mackenzie/parafrase.htm
2. Idem nº 01.

Prefácio

É hora de desistir totalmente da previsão de tempo teológica. Mesmo os meteorologistas da TV que predizem eventos comuns são mais precisos.

- Ben Witherington

Em muitos casos, o fanatismo puro tem sido o resultado de muitos residirem na profecia, e provavelmente mais homens ficaram enlouquecidos com esse assunto do que em qualquer outra questão religiosa.

- Charles H. Spurgeon

Os atuais pregadores de escatologia legitimamente desmascararam a farsa do fim do mundo por trás do calendário Maia, no ano de 2012. Mas, todavia, eles mesmos têm seus próprios problemas escatológicos. Há vários escritores famosos de escatologia bíblica que vendem milhões de livros que alegam que o fim está próximo e será ainda em sua geração. Segundo eles, o fato de Israel tornar-se uma nação novamente em 14 de Maio de 1948, somando-se a isto uma geração de 40 anos, fomos informados que até o ano de 1988 seríamos todos “arrebataados” para o Céu. Como sabemos, nada aconteceu!

Depois desse fiasco escatológico, houve a famosa profecia relacionada ao chamado efeito Júpiter. Como sempre acontece, tal tema foi explorado por um escritor de escatologia bíblica como uma “evidência” de que o arrebatamento iria acontecer em breve. O efeito

de Júpiter foi previsto em 1974 pelos Astrônomos John Gribben e Setphen Plagemann num livro que leva o mesmo nome. Nessa tese, havia supostamente uma “exploração científica dos planetas como desencadeadores de grandes terremotos”. Esses dois astrônomos argumentaram que “quando vários planetas estavam alinhados do mesmo lado do sol em 1982, forças de maré criariam chamas solares, interrupções de rádio, chuvas e distúrbios de temperatura e terremotos maciços. Os planetas se alinharam, como acontece regularmente, mas nada de incomum aconteceu. Enquanto Gribbin escreveu que estava arrependido, ele “já teve alguma coisa a ver com isso”, a profecia acima anônima do escritor simplesmente mudou para outro conjunto de previsões”.¹

Em 31 de dezembro de 1979 um suposto “especialista” em escatologia da Costa Oeste dos EUA, pregou para seus ouvintes que o arrebatamento da Igreja ocorreria no ano de 1981. Para ele, quando a ex-União Soviética entrou no Afeganistão em agosto de 1978, teria sido o primeiro passo do “que ele afirmou ser uma invasão da força total do Oriente Médio. Não demoraria muito para que a “Rússia” invadissem Israel...”.² Segundo essas afirmações, tudo isso teria sido “previsões” do profeta Ezequiel há 2600 anos.

O mesmo “especialista” em escatologia bíblica disse que “devido ao esgotamento do ozônio, Apocalipse 16:8 seria cumprido durante a breve Tribulação do futuro: “E o quarto anjo derramou a tigela sobre o sol; e foi dado para queimar homens com fogo”. Ele argumentou que o Cometa Halley passaria perto da Terra em 1986 e causaria estragos atmosféricos que deixariam para trás detritos de sua cauda de milhões de quilômetros derrubados na Terra”.³ É fato que o cometa Halley passou pela Terra no ano de 1986, no ciclo de 70 anos, sem deixar nenhum dano ao Planeta Terra.

Jerry Falwell (1933-2007) declarou o seguinte para uma rede em 27 de dezembro de 1992:

“Eu não acredito que haverá outro milênio... ou outro século”.⁴

Seguindo uma linha semelhante, John F. Walvoord, que é descrito como “o principal intérprete mundial da profecia bíblia” havia “[esperado] que o Arrebatamento ocorresse em seu próprio tempo de vida”.⁵A morte de Walvoord ocorreu no ano de 2002 com 92 anos de idade. Veja sobre suas certezas proféticas nas declarações a seguir:

“Nunca na história da Igreja houve um tempo durante o qual mais existiram provas de que o arrebatamento está próximo”.

“Nunca antes na história da Igreja houve mais evidências de que o fim da era está próximo”.⁶

Segundo Gary DeMar, Walvoord “escreveu estas declarações preditivas quase idênticas em livros que foram publicados em 36 anos de intervalo. Observe seu uso das palavras “próximo” e “à mão”.⁷No ano de 1952, Walvoord declarou em seu livro:

“O século XX testemunhou a mais significativa disposição de profecia cumprida em qualquer século desde o tempo de Cristo”.⁸

A história da Igreja mostra que temos 2000 anos de previsões proféticas que falharam e, Walvoord se encaixa nelas. Tem sido muito fácil para os crentes em geral atacarem o pessoal da Nova Era, os defensores do fim do mundo baseados no calendário Maia de 2012, ambientalistas fanáticos, ou mesmo prognosticadores seculares dos mais diversos. O problema é que a mesma disposição não existe quando se trata de avaliar as previsões entre os evangélicos que, inclusive, tem um grande mercado editorial que fatura milhões. Os que escrevem sobre profecia entre os evangélicos têm suas próprias previsões e, portanto, precisam ser responsabilizados por seus enganos. Digo isto porque eles acabam colocando em jogo a credibilidade das Escrituras Sagradas, bem como a pura mensagem do evangelho de Cristo.

O restabelecimento de Israel como nação em 14 de Maio de 1948 foi o estopim para o aumento da especulação profética entre os cristãos evangélicos. É óbvio que antes disso temos uma longa história de fixação de datas da Segunda Vinda de Cristo e do fim do mundo. Com o restabelecimento de Israel em 1948 houve um aumento exponencial no número de livros proclamando que a volta de Jesus e o fim está próximo. O bom em toda essa história é que muitos cristãos estão começando a questionar essas interpretações com suas previsões. Muitos já demonstram interesse em dar mais uma olhada no registro profético bíblico. Isto está ocorrendo em todo o mundo porque muitos cristãos, alguns pela primeira vez, estão dispostos a questionar suas crenças que receberam por tradição em suas determinadas denominações evangélicas. Eles agora querem saber o que a Bíblia realmente diz sobre a profecia do fim dos tempos. Este e-book com certeza irá sacudir todo seu sistema de crenças acerca da escatologia bíblica. Não te admires que o que você está prestes a ler poderá abalá-lo profundamente. O importante é que no final das contas você terá uma visão melhor sobre o que a Palavra de Deus diz acerca da profecia do fim dos tempos.

Notas

1. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 8. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
2. Idem nº 1, pág. 9.
3. Idem nº 1, pág. 9.
4. Idem nº 1, pág. 9.
5. Idem nº 1, pág. 9.
6. Idem nº 1, pág. 9.
7. Idem nº 1, pág. 9.
8. Idem nº 1, pág. 10.

Introdução

Detectando uma mudança sísmica na escatologia

Assim como está havendo uma mudança fundamental ocorrendo em várias questões bíblicas, uma mudança sísmica está ocorrendo na escatologia bíblica. A palavra escatologia significa “o estudo das últimas coisas”. Muitos não sabem do significado dessa palavra. A frase mais popular que as pessoas conhecem é “profecia bíblica”, ao invés de escatologia. No campo escatológico temos inúmeras escolas de interpretação. A versão mais popular entre os crentes é o chamado pré-milenismo dispensacional, o qual ensina que haverá alguns eventos proféticos em nosso futuro, sendo um deles o “arrebatamento secreto” da Igreja que ocorreria no começo de um período de sete anos tribulação, seguido do aparecimento de um anticristo, o templo de Jerusalém reconstruído e uma Grande Tribulação. Os que assim creem dizem que há uma distinção entre Israel-Igreja, e por causa dessa distinção Deus tem dois programas redentores. Graças a Deus tenho visto muitos cristãos que abandonaram esse sistema de crenças que se chama Dispensacionalismo. É lamentável que muitas pessoas não estão dispostas a colocar esse sistema de interpretação profética à prova, embora o mesmo tenha uma história recente e repleta de tantas novas interpretações. Em meio as inovações veja, por exemplo, o que Gary DeMar diz sobre a ideia de uma distinção Israel-Igreja – à qual é uma doutrina fundamental do Dispensacionalismo:

[Essa doutrina] é construída em uma ficção interpretativa. Existe continuidade entre os pactos. Havia crentes israelitas antes, durante e depois do ministério terreno de Jesus. Eles foram incorporados à “grande nuvem de testemunhas” da era da Antiga Aliança (Hebreus 12:1). Somos lembrados de Zacarias (Lucas 1:5-23), Isabel (Lucas 1:24-25), João (Lucas 1:57-63), Maria (Lucas 1:39-56), José (Mateus 1:18-25), Simeão (Lucas 2:25-35), Ana (Lucas 2:36-37) e outros (Lucas 19:8-9; João 2:23; 4:39, 50; 7:31; 8:31; 10:42). Simeão cita uma passagem do Antigo Testamento que vincula o remanescente crente de Israel e o remanescente crente das nações (gentios):

“Pois os meus olhos viram a Tua salvação, que preparaste na presença de todos os povos. Uma luz de Revelação para os gentios e a glória de Teu povo Israel” (Lucas 2:31-32; ver Isa. 42: 6; 49: 6)”.¹

É claro na Bíblia que o plano de Deus é que as promessas feitas a Israel se estendessem para incluir as nações (Atos 10; 13:47-48; 26:23). É claro que isso não pode significar que todas as pessoas, sejam israelitas ou gentias seriam salvas. É somente o remanescente que é salvo e não a descendência natural ((Romanos 9:27; 11:5; João 1:12-13). Portanto, a Igreja não é um novo povo, isto veremos no decorrer deste e-book.

História curta e controversa do Dispensacionalismo

Nenhum cristão antes do ano de 1830 era dispensacionalista. Pensando nisto vejo como é lamentável que não ser um dispensacionalista carregue consigo conotações negativas. É fato que até a chegada da *Bíblia de Referência Scofield* em 1909, não havia um acordo sobre o sistema dispensacionalista. E isto mesmo entre uma minoria de crentes. O mais surpreendente de toda essa história é que embora as notas escritas na Bíblia Scofield foram elaboradas por um

homem que não tinha nenhum treinamento teológico verdadeiro, mesmo assim acabou criando um novo movimento profético em que as notas são levadas mais a sério do que o texto das Escrituras.

O Dispensacionalismo tem sido considerado bíblicamente aberrante desde seu início pelas lentes de diversas tradições teológicas de teólogos como R. B. Kuiper (1886–1966) e John Murray. Isso não quer dizer que os defensores do Dispensacionalismo sejam heréticos, pois a maioria deles mantêm posições ortodoxas sobre as doutrinas cristãs básicas. É um fato marcante que o Dispensacionalismo passou por inúmeras revisões desde a publicação da *New Scofield Reference Bible* em 1967 e, por isto, tem sido questionado por muitos crentes pentecostais ortodoxos.

Segundo o Dr. Joseph Kikasola, professor de estudos internacionais e hebraico na CBN University, tem havido uma “diminuição do dispensacionalismo”, especialmente entre os pentecostais.² Isto se vem do fato de que muitos adeptos do Dispensacionalismo estão perdendo sua fascinação pela definição de datas e cálculos desde a frustração ocorrida no quadragésimo aniversário da nacionalização de Israel (1948–1988), data esta que passou sem um arrebatamento.

Até mesmo Dave Hunt, que foi um defensor do reagrupamento nacional de Israel como um sinal de eventos proféticos futuros, teve que admitir:

“Desnecessário para dizer, 1º de janeiro de 1982, viu a deserção de um grande número da posição pré-tribulacionista. Muitos que já estavam entusiasmados com a perspectiva de serem arrebatados para o céu a qualquer momento ficaram confusos e desiludidos com a aparente falha de uma interpretação bíblica geralmente aceita em que eles confiaram”.³

Diante dessas falhas e para que o Dispensacionalismo não fosse deixado para trás, houve um desenvolvimentno do mesmo. Sobre isto

Robert L. Saucy, professor de teologia sistemática na Talbot School of Theology, observou:

“Nas últimas décadas, o sistema de interpretação teológica comumente conhecido como dispensacionalismo passou por um desenvolvimento considerável e requinte”.⁴

Saucy chama o Dispensacionalismo de “o novo dispensacionalismo” ou “dispensacionalismo progressivo” para fazer distinção das novas interpretações da versão mais antiga do Dispensacionalismo.⁵

Tudo quanto vemos associado ao Dispensacionalismo moderno não pode ser encontrado nas formulações dos credos da Igreja que remontam desde o Concílio de Nicéia no ano 325 d.C. Devemos notar que nem mesmo o pré-milenismo não dispensacional (clássico) pode ser encontrado nos credos cristãos básicos.⁶ Se avaliarmos a maioria dos melhores eruditos cristãos que passaram pela Igreja, veremos que nenhum deles não eram ou não são agora dispensacionalistas. O Dispensacionalismo não é um sistema falso apenas por causa disso, mas deve-se considerar que um teólogo amador que não lê ou escreve hebraico ou grego não pode jamais criticar os não dispensacionalistas.

Tenho notado que quando um dispensacionalista realmente começa a ler e estudar a Bíblia por conta própria, logo surgem perguntas que não têm boas respostas por parte daqueles que mantêm a visão do *status quo* (dispensacional). Isto é o que aconteceu comigo, e acontece com muitos outros nessa jornada. Antes de começarmos sobre o primeiro mito dispensacional é necessário termos em mente a postura dos crentes bereanos. Sobre eles é dito:

“Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim”.

(Atos 17:11)

Notas

1. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 14. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
2. Randy Frame, "The Theonomic Urge," Christianity Today, (April 21, 1989), 38. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 5.
3. Dave Hunt, Whatever Happened to Heaven? (Eugene, OR: Harvest House, 1988), 68. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 5.
4. Robert L. Saucy, The Case for Progressive Dispensationalism: The Interface Between Dispensationalism and Non-Dispensational Theology (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993), 8. Also see, Craig A. Blaising and Darrell L. Bock, Progressive Dispensationalism: An Up-to-Date Handbook of Contemporary Dispensational Thought (Wheaton, IL: Victor Books, 1993). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 5.
5. Saucy, The Case for Progressive Dispensationalism, 9. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 5.
6. Gary DeMar and Francis X. Gumerlock, The Early Church and the End of the World (Powder Springs, GA: American Vision, 2005), chap. 4.

1

O Mito da Distinção Israel-Igreja

O primeiro mito em torno da profecia bíblica que destaco é a distinção entre Israel e a Igreja. Os dispensacionalistas afirmam que em um ponto particular da história bíblica o programa redentor de Deus mudou de Israel para “a Igreja”. Segundo eles, é neste ponto que o relógio profético de Israel parou em um “parêntese de mistério”¹ chamado “de Era da Igreja que foi inserida entre a 69ª e a 70ª semanas da profecia de Daniel (Daniel 9:24-27)”². De acordo com esse raciocínio a chamada Era da Igreja vai acabar quando a Igreja for “arrebataada”. A partir desse evento o relógio profético começará a funcionar novamente e é quando Deus mais uma vez tratará com Israel durante os sete anos da Grande Tribulação.

Para o autor dispensacionalista Charles Ryrie, a distinção Igreja-Israel é uma “parte absolutamente indispensável” do Dispensacionalismo.

Ele escreveu:

“O que distingue uma pessoa como dispensacionalista? Qual é a condição sine qua non (a parte absolutamente indispensável) do sistema?... Um dispensacionalista mantém Israel e a igreja distintos.

Este é provavelmente o teste teológico mais básico para saber se uma pessoa é dispensacionalista ou não, e é sem dúvida o mais prático e conclusivo. Aquele que falha em distinguir Israel e a igreja de forma consistente inevitavelmente não se apegará a distinções dispensacionais; somente aquele que faz à vontade”.³

Portanto, se não houver uma distinção entre Israel e a Igreja e uma mudança nos programas proféticos dos dois, o Dispensacionalismo deixa de existir. Se for demonstrado que essa visão de dois programas proféticos é uma ficção, então todo o sistema dispensacional cai por terra.

Uma Assembleia do Povo de Deus

O nosso ponto de partida aqui deve ser uma compreensão adequada da palavra grega *ekklesia* que, na maioria das vezes, é traduzida como “igreja” nos textos do Novo Testamento. O escritor Charles Ryrie considera que o método interpretativo “histórico-gramatical” da Bíblia deve ser “o segundo aspecto da condição *sine qua non* do dispensacionalismo”; em outras palavras, deve ser a abordagem do texto das Escrituras que considera o significado de uma palavra “normal ou simples”.⁴ Segundo Ryrie “o significado de cada palavra deve ser estudado” para que “envolva a etimologia [o estudo da origem da palavra], uso, história e resultante significado”.⁵ Sendo assim, então qual é o significado “normal ou simples” da palavra grega *ekklesia*? O fato é que Ryrie nunca disse. Segundo o teólogo Gary DeMar, “embora ele [Ryrie] passe um capítulo inteiro definindo “dispensação”, ele nunca define “igreja”.⁶

O Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento dá a seguinte definição adequada da palavra *ekklesia*:

“Embora algumas pessoas tenham tentado ver no termo ἐκκλησία mais ou menos o significado literal de os “chamados para fora” [ek

+ kaleō] este tipo de etimologizar também não é garantido pelo significado de ἐκκλησία nos tempos do Novo Testamento ou mesmo por seu uso anterior. O termo ἐκκλησία era em uso comum por várias centenas de anos antes da era cristã e foi usado para se referir a uma assembleia de pessoas constituídas por pessoas bem definidas por filiação. Para o Novo Testamento... é importante entender o significado de ἐκκλησία como “uma assembléia do povo de Deus”.⁷

É muito significativo que esse léxico diz que a palavra *ekklesia* era usada “várias centenas de anos antes da era cristã”. Nessa palavra não temos nada que indique um significado atribuído pelo Dispensacionalismo. Aliás, nenhum léxico diz nada sobre um significado de *ekklesia* que se encaixaria com a forma entendida no sistema dispensacionalista. A palavra grega *ekklesia* assume um significado redentor maior nos tempos do Novo Testamento por causa de Jesus Cristo, mas jamais separada de sua raiz e ramo de seu significado do Antigo Testamento. É justamente aqui que vamos aprender a sua “etimologia, uso, história e significado resultante”.

O Novo Testamento nos mostra através da palavra grega *ekklesia* que há uma continuidade do povo de Deus do Antigo Testamento, pois diversas imagens que foram aplicadas pela primeira vez a Israel, os apóstolos aplicaram a assembleia de crentes judeus e gentios no Novo Testamento. A carta aos Hebreus resume isto muito bem:

“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados...”.

(Hebreus 12:22-23)

O Monte Sião e a Jerusalém celestial descritos no texto acima são comparados com a *ekklesia* que está inscrita no Céu. É a grande “nuvem de testemunhas” de que o mesmo capítulo fala (Hebreus 12:1). É impossível o leitor comum imaginar que o autor de Hebreus

em sua simplicidade estaria fazendo uma distinção Israel-Igreja, ou falando sobre um Israel (terrestre) e uma celestial (Igreja), ou ainda falando sobre dois programas redentores. Da mesma forma que o apóstolo Paulo em Gálatas 4:24-31, o autor de Hebreus “mescla a promessa da terra de Israel em elementos de uma “melhor aliança” que não tem limites individuais ou fronteiras geográficas”.⁸

“A cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial”, é em essência a mesma cidade que Abraão esperava com fé, isto é, “a cidade que tem fundamentos, cujo construtor é Deus” (Hebreus 11:10), pois é “a cidade que há de vir”, procurada nesta era pelo povo de Deus, que não tem cidade duradoura aqui (Hebreus 13:14), e cuja a verdadeira cidadania está no céu (Filipenses 3:20). É a “cidade sagrada, a nova Jerusalém”, a capital do novo céu e da nova terra, em que, em cumprimento de sua promessa da aliança, Deus habita com os homens, e eles são eternamente seu povo, e todas as coisas anteriores com suas tristezas e imperfeições já passaram (Apocalipse 21:1–4). De fato, os próprios cidadãos são os cidadãos, porque, como sugere Peter Lombard, Deus, que lhes dá a vida, mora neles. A presença de Deus é o que constitui a nova Jerusalém”.⁹

Os cidadãos celestiais descritos no texto de Hebreus 12 são compostos de judeus e gentios. Não há uma redenção dupla no Plano de Deus. Essa “assembléia” (*ekklēsia*) que era uma reunião dos israelitas reunidos sob a liderança de Moisés no Sinai (Atos 7:38), continua agora nos tempos do Novo Testamento sob a liderança daquele que é maior do que Moisés, o Cristo. “A ideia vinda do fato dos crentes do Novo Testamento estarem na congregação dos “primogênitos” é outra indicador de que as promessas feitas a Israel são possuídas pela *ekklēsia* do Novo Testamento que é composta por israelitas e não israelitas. Israel é o “filho” de Deus, Seu “primeiro nascido” (Êxodo 4:22). No Novo Testamento a *ekklēsia* também é tratada como a primogênita de Deus (Hebreus 12:23), porque atingiu a condição de membro da *ekklēsia* pré-existente”.¹⁰

A “Igreja” não é uma coisa nova

O grande argumento de que não há distinção entre Igreja-Israel é porque a palavra grega *ekklēsia* não é uma invenção dos escritores do Novo Testamento. Essa palavra era usada de maneira comum para descrever uma assembleia ou congregação. Na tradução grega do Antigo Testamento chamada de *Septuaginta* (LXX) - e no grego do Novo Testamento - encontramos a palavra *ekklēsia*. Esta palavra comum é usada no evangelho de Mateus, que é considerado o mais judeu dos quatro evangelhos (Mateus 16:18; 18:17).

Os primeiros ouvintes de Jesus nunca perguntaram sobre o que é uma *ekklēsia*, pois sabiam muito o que essa palavra significava. Eles estavam intimamente familiarizados com a Septuaginta. Alguns estudiosos afirmam que “esta versão grega das Escrituras Hebraicas era a Bíblia da igreja primitiva. Assim, quando os escritores do Novo Testamento, cuja Bíblia era a Septuaginta, usaram *ekklēsia*, eles não estavam inventando um novo termo.¹¹ Eles descobriram o termo de uso comum e simplesmente empregava o que estava à mão”.¹²

O apóstolo Paulo fazia uso de *ekklēsia* em algumas de suas epístolas, indicando com isto “que a própria *ekklēsia* ainda carregava um significado geral de 'assembleia'; o tipo particular de montagem tinha de ser indicado por qualificadores semelhantes ao uso da Septuaginta”.¹³ O uso constante da palavra *ekklēsia* no Novo Testamento indica que não houve nenhum significado especial de Igreja como uma dispensação, ou mesmo a ideia de que a mesma foi fundada.

“O termo *ekklēsia* descreve uma assembleia real, uma reunião de pessoas juntas. O mesmo é verdade para o termo do Antigo Testamento *qāhāl* que é traduzido por *ekklēsia* na versão Septuaginta do Antigo Testamento. As palavras em si não têm o significado restrito da palavra, 'igreja'. No entanto, quando Jesus disse: ‘Vou construir minha igreja’ ..., ele não estava simplesmente dizendo, ‘Eu

irei reunir uma reunião de pessoas'. Em vez disso, ele estava usando um termo conhecido que descreveu o povo de Deus. A “assembleia no deserto” (Atos 7:38) foi a assembleia definitiva para Israel, a assembleia de fazer alianças quando Deus reivindicou seu povo redimido como seu” (Deuteronômio 4:10 LXX; 9:10; 10:4; 18:16)”.¹⁴

Qualquer judeu da época de Jesus que fosse capaz de ler a tradução grega do Antigo Testamento hebraico conheceria o que significa *ekklesia*. Estevão em Atos dos Apóstolos descreve a comunidade de crentes do Antigo Testamento como “a congregação [ekklesia] no deserto” (Atos 7:38). A “igreja em Jerusalém” (Atos 8:1) era composta exclusivamente de judeus. Uma vez que *ekklesia* significa “congregação” em Atos 7:38, então certamente carrega o mesmo significado de Atos 8:1. A *ekklesia* que Saulo devastou em Atos 8:3 era composta dos primeiros judeus crentes e era o testemunho vivo do cumprimento das promessas de Deus feitas a Israel por meio dos pais e profetas. Não é possível acreditar que os israelitas, por serem a Igreja de Deus, seriam algum parêntese de “mistério”.

Em Atos 2:14-16 o apóstolo Pedro cita uma passagem de Joel e aplica aos eventos de Pentecostes, como o cumprimento da profecia. Uma vez que no sistema dispensacionalista ensina que no Antigo Testamento ninguém sabia nada sobre uma *ekklesia* do Novo Testamento, como então poderia uma profecia do Antigo Testamento aplicar-se a Igreja no início do Novo Testamento? Embora os dispensacionalistas argumentam que a Igreja teve seu início no dia de Pentecostes, e a profecia de Joel deve ser vista como cumprida nesse mesmo dia, podemos concluir que a profecia de Joel aplica-se à “igreja”. Sendo assim, a Igreja não era uma “realidade oculta” no Antigo Testamento.

Um Novo Homem em Cristo

A continuação da comunidade de crentes encontrada em todo o Antigo Testamento são os crentes judeus depois do dia de Pentecostes. Eles são chamados de “*ekklēsia* de Deus” (Atos 8:1; Gálatas 1:13; Atos 20:28; 1ª Coríntios 1:2; 10:32; 15:9; 2ª Coríntios 1:1; 1ª Timóteo 3:5). Mais tarde os gentios foram enxertados nessa *ekklēsia* (Atos 10). Os crentes judeus ficaram “maravilhados porque o dom do Espírito Santo também foi derramado sobre os gentios” (Atos 10:45). É digno de nota a presença da palavra “também”, pois isso está de acordo com a carta aos Romanos em que se diz: “para o judeu primeiro e também para o grego” (Romanos 1:16; 2:9–10). Então foram os judeus que entraram para a fé cristã primeiro, depois as promessas do Antigo Testamento foram estendidas para os gentios. Isto é claramente notável quando Pedro se dirigiu à multidão no dia de Pentecostes falando “homens de Israel” (Atos 2:22) e “toda a casa de Israel” (Atos 2:36). As promessas feitas a Israel foram cumpridas, não adiadas (Atos 13:23; cf. 13:32–33; 26:6).

O apóstolo Paulo argumentou que “a promessa será garantida para todos os descendentes, não só daqueles que são da lei, mas também daqueles que são da fé de Abraão, que é o pai de todos nós” (Romanos 4:16; cf. 9:8; Gálatas 3:29; 4:28). Por isto, não-israelitas, os quais são chamados de “incircuncisão” (Efésios 2:11) e que agora estão “em Cristo”, fazem parte da comunidade de Israel e recebem todas as promessas originalmente dadas a Israel:

“...naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.

Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade...”.

(Efésios 2:12–14)

Sobre este texto de Efésios, o teólogo Gary DeMar acrescenta:

“Como resultado, os não-israelitas que acreditam em Cristo participam da (1) “comunidade de Israel”, visto que (2) não são mais “estranhos aos pactos da promessa” (2:12), (3) “não mais estranhos e estrangeiros”, mas (4) “concidadãos com o santos, e (5) são da casa de Deus, tendo sido (6) construídos sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, o próprio Cristo Jesus sendo a pedra angular, em quem todo o edifício, sendo encaixado, está crescendo em (7) um lugar sagrado templo no Senhor, no qual vocês também estão sendo construídos juntos em uma morada de Deus no Espírito” (2:20-22). Você não pode obter muito mais israelita do que essas designações. Elas gotejam com descrições do Antigo Testamento para Israel: comunidade, cidadania, família, fundação de apóstolos e profetas, templo sagrado e convênios. É por meio de Jesus que “ambos temos acesso em um só Espírito ao Pai” (2:18)”.¹⁵

Vemos que frequentemente o apóstolo Paulo se baseia em passagens que foram aplicadas pela primeira vez a Israel, mas que agora se aplicam a Igreja (2ª Coríntios 6:16, 18). O verso 18 de 2ª Coríntios 6 é uma citação direta de Êxodo 29:45, cuja referência primariamente era a Israel. Há outras passagens que foram aplicadas pela primeira vez a Israel, mas, agora, também se aplicam a Igreja (Isaías 43:6; Oséias 1:10).

Diante dessas passagens não se pode dizer que houve um adiamento das promessas para Israel, ou um parêntese inserido na história da redenção. Apenas fica o fato de que os gentios uma vez enxertados na já existente *ekklesia* israelita, eles acabaram tomando posse das mesmas promessas. É claro que os dispensacionalistas vão sustentar que esse nunca foi o plano de Deus. Mas o texto de Isaías 57:19 garante que tanto judeus como gentios estão em Cristo (Efésios 2:17).

Conclusão

Se a *ekklesia* (igreja), conforme dizem os dispensacionalistas, era desconhecida no período do Antigo Testamento, e a chamada era da igreja é considerada um “mistério”, um parêntese, uma lacuna no tempo profético, até o período do “arrebatamento”, então por que o escritor de Hebreus cita o Salmo 22:22 que usa a palavra grega *ekklesia*?

“dizendo: A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação [*ekklēsia*]”.

(Hebreus 2:12)

Philip E. Hughes escreveu:

“A proclamação das Boas Novas e o louvor de Deus que a acompanha acontecerá, além disso, no meio da congregação, ou mais literalmente (como na KJV) ‘no meio da igreja’ [*ekklesia* aqui é a tradução da LXX do hebraico *qāhāl*], que na perspectiva do Novo Testamento é o novo templo de Deus sendo construído por aquelas “pedras vivas” que são irmãos com e em Cristo (1 Pedro 2:5; Efésios 2:19-22)”.¹⁶

Diante do que vimos até aqui, ou os dispensacionalistas estão corretos, ou os escritores do Novo Testamento estavam terrivelmente confusos. Lembremos que estes últimos estavam sob o comando direto da inspiração do Espírito Santo (2ª Timóteo 3:16-17). Diante dessa infalível inspiração Divina, nós podemos ter a certeza de que eles não estavam nem um pouco confusos. E se realmente houvesse uma distinção entre a nação de Israel e a Igreja, certamente o Espírito Santo teria guiado seus servos para usarem uma palavra diferente da palavra grega *ekklesia*.

Notas

1. H. A. Ironside, *The Great Parenthesis* (Grand Rapids, MI: Zondervan 1943). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 11.
2. *10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think*, pág. 11. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
3. Charles C. Ryrie, *Dispensationalism*, rev. and ex. ed. (Chicago: Moody Press, 1995), 38–39. This quotation is an expansion of the definition given in the 1965 edition *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody, 1965), 44: “A dispensationalist keeps Israel and the Church distinct.” Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 11.
4. Ryrie, *Dispensationalism*, 40. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 12.
5. Ryrie, *Dispensationalism*, 82. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 12.
6. Idem n° 2, pág. 12.
7. J. P. Louw and E. A. Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament : Based on Semantic Domains*, electronic ed. of the 2nd ed. (New York: United Bible Societies, [1989] 1996). United Bible Societies: New York. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 12.
8. Idem n° 2, pág. 13.
9. Philip Edgcumbe Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), 546. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 14.
10. Idem n° 2, pág. 14.
11. Following the LXX, the sacred assembly of Israel was the “ekklēsia of the Lord” (Deut. 23:1). “The people of God” are “in the ekklēsia” (Judges 20:2). Solomon took “all the ekklēsia” to Gibeon where the ark was (2 Chron. 1:3). There “the ekklēsia inquired of the Lord” (2 Chron. 1:5). When the temple was completed, Solomon blessed “all the ekklēsia of Israel” (1 Kings 8:14; cp. 8:22, 55; 2 Chron. 6:3). If this verse were in the NT, it would read “all the church of Israel.” When Solomon stands before the altar and prays, he is “before all the ekklēsia of Israel” (2 Chron. 6:12). The “ekklēsia of the Lord” was the covenantal assembly of Israel (Deut. 4:10). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 15.
12. Earl D. Radmacher, *What the Church is All About: A Biblical and Historical Study* (Chicago: Moody Press, [1972] 1978), 121, 132. Radmacher argues that

“although the etymological associations of ekklesia have their unquestionable bearing upon the significance of the term, the deciding evidence must be drawn from the exhaustive investigation of its actual use in the New Testament. While it is true that historical continuity seems to demand that the early appearance of the word ekklesia in any new literature should simply suggest ‘assembly,’ it is also true that the Holy Spirit frequently lifts words from their current usages to a higher plane of meaning and packs into them such vast new content as their etymologies will scarcely account for. Whitney states: ‘Philologists agree that the final authority of any word does not lie in its etymological or historical connotation but in its actual use’” (132). That is the question. What is its actual use and meaning in the New Testament? Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 15.

13. Robert L. Saucy, *The Church in God's Program* (Chicago: Moody Press, 1972), 16. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 16.
14. Edmund P. Clowney, “The Biblical Theology of the Church,” *The Church in the Bible and the World: An International Study*, ed. D. A. Carson (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), 17. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 16.
15. Idem n° 2, pág. 21.
16. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews*, 108. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 23.

2

O Mito do Estado Moderno de Israel como Sinal de que o Arrebatamento está próximo

Segundo Gary DeMar “outro princípio fundamental do dispensacionalismo é que não há sinais proféticos antes do arrebatamento. Nenhum. Nada. Isso ocorre porque, de acordo com os dispensacionalistas, a Igreja teve seu começo no Pentecostes. Nesse ponto, o relógio profético relacionado a Israel está parado (o final da 69ª semana de Daniel: 483 anos). Não vai começar de novo até o “Arrebatamento” (o início da 70ª semana) que eles argumentam ser um evento futuro (quando Jesus virá para a Sua Igreja) que é diferente da Segunda Vinda (Jesus vindo com Sua Igreja). Novamente, seguindo a hermenêutica dispensacional, a assim chamada Era da Igreja não tem história profética no Antigo Testamento”.¹

Nessa interpretação o “arrebatamento” não só encerra a Era da Igreja como também o tratamento de Deus com Israel se inicia novamente após um adiamento de quase 2.000 anos. Na crença dispensacionalista o arrebatamento da Igreja é sempre “iminente”, em outras palavras, pode ocorrer a qualquer momento durante a Era da Igreja. É digno de nota que se a iminência do arrebatamento fosse

verdadeira, então poderíamos dizer que o arrebatamento poderia ter ocorrido antes da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., ou mesmo poderia ter acontecido em qualquer momento da história, seja no ano 1000, 1517, 1776 e 2001. Muitos dispensacionalistas acreditam que a qualquer momento, e sem sinais, haverá o arrebatamento secreto da Igreja. Fica claro, segundo essa doutrina, que o crente em Cristo não deve procurar por algum sinal, mas tão somente pelo Senhor. A ideia de que não há sinais ou eventos antes do arrebatamento em pelo menos uma passagem das Escrituras está muito clara para muitos escritores-intérpretes das profecias bíblicas. E, isto eles reivindicam como a doutrina fundamental de seu sistema profético.

Mas há contradições entre esses escritores proféticos. Veja a seguir um exemplo perfeito de Todd Strandberg e Terry James, autores do livro *Are You Rapture Ready?*, eles escreveram:

“A Bíblia não dá sinais específicos que precedam o Arrebatamento. Não será anunciado. Será instantâneo. Impressionante para o mundo”.²

Se isto parece que esses autores estão alinhados com o paradigma de “arrebatamento” a qualquer momento e sem sinais, então veja que nas duas frases seguintes, eles se contradizem:

“Os profetas da Bíblia, por outro lado, listam muitos sinais proféticos que bem precedem o período de sete anos de problemas mundiais conhecido como ‘Tribulação’, ou ‘Apocalipse’. Curiosamente, os estudiosos da profecia estão descobrindo que sinais semelhantes aos dos profetas bíblicos para a era da Tribulação estão ao nosso redor”.³

Quase todos os livros populares sobre profecias bíblicas possuem essas contradições. O mantra de que não há sinais antes do arrebatamento da Igreja tem estado permanentemente presente no sistema dispensacional porque a iminência é uma necessidade nesse sistema de interpretação profética. Seria isso uma extensão lógica de

um parêntese imprevisto sobre qual os profetas do Antigo Testamento nada falaram, pois nada sabiam. Caso os judeus não tivessem rejeitado o seu Messias, Jesus, o Reino tal como prometido a Israel teria começado na primeira vinda de Cristo, segundo os dispensacionalistas. A ideia é que quando os judeus rejeitaram a Cristo, Deus teria suspenso “o calendário profético no final da sexagésima nona semana de Daniel e começou a construir um povo novo e celestial: a igreja”.⁴ Sobre esse assunto, E. Schuyler English, que foi escolhido em 1954 para servir como presidente de um comitê de revisão para editar e atualizar a *Bíblia de Referência Scofield*, escreveu:

“Um período intercalar [inserido no calendário] da história, após a morte e ressurreição de Cristo e a destruição de Jerusalém em 70 d.C., interveio. Esta é a era presente, a era da Igreja... Durante este tempo, Deus não tem lidado com Israel nacionalmente, pois eles foram cegados quanto à misericórdia de Deus em Cristo. No entanto, Deus tratará novamente com Israel como uma nação. Isso será no septuagésima semana de Daniel, um período de sete anos ainda por vir”.⁵

Foi Scofield quem estabeleceu o padrão para este tipo de interpretação em sua edição de 1909 de sua *Bíblia de Referência Scofield*. Ele fez uma citação de Mateus 4: 17b, que diz:

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.

Para Scofield a palavra “próximo” nunca significa que algo esteja disponível imediatamente para aparecer. Mas um estudo cuidadoso da palavra grega *engus* “próximo” nos ensinará o oposto. Essa palavra sempre tem o significado de algo que realmente está próximo de ser realizado no horizonte profético, seja referindo-se a pessoas ou eventos (por exemplo: Marcos 14:42; Lucas 21:8; João 2:13; 6: 4; 7:2, 6; 11:55; Romanos 13:12; Tiago 5:8). O respeitadíssimo teólogo, Milton Terry, autor do livro *Biblical Hermeneutics*, que inclusive é uma obra recomendada por dispensacionalistas e não dispensacionalistas, nos oferece um bom argumento contra os argumentos de que as

palavras “perto” e “em breve” significam um longo período de tempo:

“Quando um escritor diz que um evento acontecerá em breve e rapidamente, ou está prestes a acontecer, é contrário a toda propriedade declarar que suas declarações nos permitem acreditar que o evento está em um futuro distante. É um abuso de linguagem repreensível dizer que as palavras imediatamente, ou próximo, significam séculos daqui ou depois de muito tempo. Tal tratamento da linguagem das Escrituras é ainda pior do que a teoria de um duplo sentido”.⁶

Apesar dessa explicação de Terry, na qual literalmente se entende o significado da frase “em breve” e “próximo”, ainda sim os dispensacionalistas vão insistir que são eles que interpretam a Bíblia literalmente. O que não condiz com a realidade!

Um evento sem sinais, mas com sinais

Apesar de crerem que o “arrebatamento” será um evento sem sinais, os dispensacionalistas não param nunca de fazer anúncios proféticos quando escrevem livros que listam tais sinais. E quando falam nesses sinais, eles insistem que são evidências de que o arrebatamento está próximo. Vemos isto numa declaração de Jerry Falwell em uma transmissão televisiva de 27 de Dezembro de 1992. Ele disse que “não acreditava que haveria outro milênio... ou outro século”. Em 23 de Julho de 2006 ele escreveu o seguinte:

“É evidente, à luz do renascimento do estado de Israel, que os eventos atuais na Terra Santa podem muito bem servir como um prelúdio ou precursor da futura Batalha do Armagedom e do glorioso retorno de Jesus Cristo”.⁷

Apesar do intérprete profético Mark Hitchcock também seguir a posição de que “o Arrebatamento é um evento iminente e sem sinais,

que, do ponto de vista humano, pode ocorrer a qualquer momento”,⁸ em outras ocasiões ele escreveu livros nos quais afirmava que os sinais de que o “arrebatamento” está próximo. Veja o que Hitchcock escreveu em seu livro sobre os Sete Sinais do Fim dos Tempos:

“Desde 1948, quando as Nações Unidas estabeleceram uma pátria-nação israelense, os judeus têm retornado à região em grande número”.⁹

Para Hitchcock essa reunião que encerra séculos de exílio do povo judeu é um sinal do fim dos tempos. Apesar disto é curioso que a Guerra no Oriente Médio, a formação da União Europeia, o globalismo e a apostasia na igreja seriam sinais da iminente volta de Cristo. Todos esses escritores-intérpretes da profecia bíblica gastam páginas e mais páginas descrevendo como os eventos proféticos estão sendo cumpridos em nossos dias. Mas, todavia, podemos dizer que se os sinais só apareceram nos últimos 100 anos ou mais, então o “arrebatamento” não poderia ter sido iminente até então.

De acordo com alguns intérpretes proféticos o “super sinal” de que o arrebatamento está prestes para acontecer está relacionado ao status nacional renovado de Israel no século vinte. Embora a posição do arrebatamento a qualquer momento, defendida por muitos, diga que não pode haver nenhum sinal durante a Era da Igreja, mesmo assim, está incluído o sinal de Israel ter se tornado uma nação novamente.

A indicação mais clara de que no Dispensacionalismo não se acredita em um arrebatamento sem um sinal, sem uma nota de tempo, e não relacionado a outros eventos proféticos, está no fato de que seus intérpretes não escrevem um livro sequer sem dedicar uma quantia considerável de espaço para “sinais” de que esse evento deve estar muito próximo. Os sinais geralmente são guerras, fomes, pestes e a situação política mundial. Alguns autores dispensacionalistas listam oito sinais, outros quinze.¹⁰ Se um dispensacionalista for coerente deverá reconhecer que as diversas tentativas de provar que

há sinais antecedendo o arrebatamento são uma prova de que o acontecimento do mesmo a qualquer momento não existe.

Se a ideia de um “arrebatamento secreto” a qualquer momento for levada a sério, acabará anulando a condição essencial do Dispensacionalismo, mantendo Israel e a Igreja redentivamente separados e distintos durante a Era da Igreja. Há divisões no Dispensacionalismo, pois há intérpretes que criticam aqueles que afirmam um arrebatamento sem sinais. Sobre esse tema Earl D. Radmacher escreveu:

“Tão injustificado quanto o estabelecimento de uma data para o retorno de Cristo são os numerosos sermões tentando encontrar o cumprimento da profecia nesta era. Típico deles é um autor popular, palestrante de conferência e personalidade da televisão que declarou sua crença de que o “supremo sinal profético” é que Israel tinha que ser uma nação novamente na terra de seus antepassados. Essa condição foi cumprida, afirma, em 14 de maio de 1948”.¹¹

Este pronunciamento é simplesmente representativo de centenas, talvez, milhares, de outros que, embora ansiosos em sua expectativa da vinda de Cristo, distorcem as Escrituras e causam terríveis confusões para o povo de Deus”.¹²

Enfim, podemos afirmar que o “arrebatamento” não poderia ter sido iminente até o século XX, caso o fato de Israel se tornar uma nação novamente fosse o primeiro sinal do mesmo. Por outro lado, o Novo Testamento não diz nada sobre Israel se tornar uma nação novamente como sinal de algum cumprimento profético.

Considero todos esses intérpretes da profecia bíblica como crentes que tentam ser fiéis a Bíblia, alguns são cristãos fervorosos, mas, infelizmente, foram influenciados e enganados pelo Dispensacionalismo, o qual se tornou uma heresia generalizada nos últimos anos. Lamentavelmente, os livros sobre profecia bíblica que vendem milhares - ou até milhões de cópias - são aqueles que dizem

que o arrebatamento pode ocorrer a qualquer momento, que não há sinais que o precedam, ao mesmo tempo em que se contradizem dizendo que há uma lista de vários sinais antes do arrebatamento secreto da Igreja.

Outro argumento muito popular para o Israel moderno como cumprimento da profecia bíblica é o da ilustração da figueira encontrada em Mateus 24:32:

“Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão”.

Há um consenso geral entre os dispensacionalistas de que a figueira representa a nação de Israel. Embora, às vezes, Israel é comparado a uma figueira (Juízes 9:10-11), a uma videira (Oséias 9:10; Juízes 9:12-13), ou uma oliveira (Juízes 9:8-9) e aos cedros do Líbano (Juízes 9:15), podemos concluir que não existe uma única árvore que seja exclusivamente o símbolo de Israel. Em Joel 1:12 e 1º Reis 4:25 a videira e a figueira são frequentemente usadas juntas, mas em nenhum desses casos temos um símbolo para Israel (ver também Joel 2:22; Miquéias 4:4; Habacuque 3:17).

É curioso que no Novo Testamento o apóstolo Paulo identifica a oliveira como a árvore representativa de Israel (Romanos 11:17, 24). Seria um tanto estranho Paulo escolher a oliveira se caso a figueira sempre foi o símbolo da nação de Israel. E mais interessante ainda é que no relato paralelo da versão de Lucas do Sermão do Monte, Jesus diz:

“Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede a figueira e todas as árvores.

Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo”.

(Lucas 21:29-30)

Se a figueira representa Israel, quem representam “todas as árvores”? E há também o problema que Jesus amaldiçoou a figueira. Vou trocar a palavra “figueira” por “Israel” no texto a seguir:

“Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo **[Israel]** à beira do caminho, aproximou-se dele; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E **[Israel]** secou imediatamente.

Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa **[Israel]**!”

(Mateus 21:18-20)

É também digno de nota que no texto de Mateus 24:32 não há qualquer menção sobre frutas; apenas menciona folhas. E temos nesse exemplo apenas uma árvore “com folhas”, o mesmo tipo de árvore que Jesus disse que nunca mais daria frutos. Então, se crermos que a figueira representa a nação de Israel, então temos aqui uma contradição, pois Israel não pode estar descrito sob o simbolismo da figueira em Mateus 21 e em Mateus 24 ao mesmo tempo.

O fato dos dispensacionalistas reivindicarem a “figueira” como sendo um símbolo de Israel está começando a mudar porque eles já descobriram uma série de problemas exegéticos, históricos e lógicos sobre o tema. Um autor dispensacional, John F. Walvoord, escreveu o seguinte sobre a figueira ser Israel:

“Na verdade, embora a figueira possa ser uma ilustração adequada de Israel, NÃO É TÃO USADA NA BÍBLIA. Em Jeremias 24:1-8, figos bons e ruins [não árvores] ilustram Israel no cativeiro, e também há menção de figos em 29:17. A referência à figueira em Juízes 9:10-11 obviamente não é Israel. Nem a referência em Mateus 21:18-20, nem que em Marcos 11:12-14 com sua interpretação em 11:20-26, dá qualquer indicação de que se refere a Israel, não mais do que a montanha referida na passagem. Consequentemente, embora esta interpretação seja mantida para muitos, não há garantia bíblica clara. Uma melhor interpretação é que Cristo estava usando uma ilustração natural. Porque a figueira

traz novas folhas no final da primavera, o brotamento das folhas é uma evidência de que o verão está próximo”.¹³

É muito estranho que o argumento da figueira usado para dizer que Israel se tornará uma nação novamente se baseie em uma analogia tão enigmática, quando, na verdade, todo o contexto do Sermão do Profético fala claramente sobre sinais (guerras, fomes, falsos cristos, etc.). E é claro também que todo o Novo Testamento não possui nenhum ensinamento sobre Israel se tornar uma nação novamente. Nem no famoso texto de Romanos 11 encontramos isso.

A Dra. Paige Patterson, presidente do *Southwestern Baptist Theological Seminary* é pré-milenista dispensacionalista. Ela disse o seguinte em um debate na rádio com Gary DeMar em 1991:

“O presente estado de Israel não é a forma final. O presente estado de Israel será perdido, eventualmente, e Israel será expulso da terra novamente, apenas para voltar quando eles aceitarem o Messias como Salvador”.¹⁴

A Dra. Paige disse isto por estar ciente de que o retorno de Israel só poderia ocorrer em estado de crença, pois no passado os cativos ocorriam por causa da descrença. E nas Escrituras não faz nenhum sentido que haja um retorno de Israel, seja de qualquer exílio ou mesmo do exílio pós-70 d.C., enquanto estiver em estado de descrença, uma vez que Deuteronômio 30:1-3 diz:

“Quando, pois, todas estas coisas vierem sobre ti, a bênção e a maldição que pus diante de ti, se te recordares delas entre todas as nações para onde te lançar o Senhor, teu Deus; e tornares ao Senhor, teu Deus, tu e teus filhos, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e deres ouvidos à sua voz, segundo tudo o que hoje te ordeno, então, o Senhor, teu Deus, mudará a tua sorte, e se compadecerá de ti, e te ajuntará, de novo, de todos os povos entre os quais te havia espalhado o Senhor, teu Deus”.

Aqui está estabelecido o padrão de Deus para Israel retornar de qualquer exílio. Diante de tal testemunho bíblico, não é de admirar que até mesmo o dispensacionalista John R. Rice escreveu o seguinte:

“Daí a angústia em Jerusalém e a dispersão dos judeus entre todas as nações ao longo de toda esta era, é simplesmente uma continuação do castigo de Deus sobre toda a raça dos judeus”.¹⁵

Notas

1. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 25. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
2. Idem nº 2, pág. 27.
3. Todd Strandberg and Terry James, Are You Rapture Ready?: Signs, Prophecies, Warnings, Threats, and Suspicions that the Endtime is Now (New York: Dutton, 2003), xiii–xiv. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 28.
4. Timothy Weber, “The Dispensationalist Era,” Christian History, 18:1 (Issue 61), 34. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 28.
5. E. Schuyler English, A Companion to the New Scofield Reference Bible (New York: Oxford University Press, 1972), 135. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 28.

6. Milton S. Terry, *Biblical Hermeneutics: A Treatise on the Interpretation of the Old and New Testaments* (New York: Phillips & Hunt, 1883), 495–496. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 29.
7. Jerry Falwell, “On the threshold of Armageddon?” (July 23, 2006): www.worldnetdaily.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=51180 Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 30.
8. Hitchcock, *Could the Rapture Happen Today?*, 80. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 30.
9. Mark Hitchcock, *Seven Signs of the End Times* (Sisters, OR: Multnomah Publishers, 2003). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 30.
10. [Louis] Bauman, *Light from Bible Prophecy* (1940). Allis adds: “The discussion of these signs occupies fifty pages or approximately one-third of the book. Some years ago L. S. Chafer published a little book entitled *Seven [Biblical] Signs of the Times* [Philadelphia: Sunday School Times, 1919]. In no respect is the inconsistency of Dispensationalists more glaringly apparent, than in their persistent efforts to discover signs of the nearness of an event which they emphatically declare to be signless. [John Ashton] Savage appeals to such events, but refuses to call them signs. This shows that he recognized the inconsistency of attempting to prove by signs the nearness of an event which is held to be signless (*The Scroll [of Time]*, p. 201).” (Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* [Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, (1945) 1955], 315, note 10). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 34.
11. “The one event which many Bible students in the past overlooked was this paramount prophetic sign: Israel had to be a nation again in the land of its forefathers.” (Hal Lindsey, *The Late Great Planet Earth* [Grand Rapids: Zondervan, 1970], 43). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 35.
12. Radmacher, “The Imminent Return of the Lord,” 248. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 35.
13. John F. Walvoord, *Matthew: Thy Kingdom Come* (Chicago, IL: Moody, [1974] 1980), 191-192. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 45.
14. Stated on Dallas, Texas, radio program KCBI in a debate with me on May 15, 1991. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 47.
15. John R. Rice, *The King of the Jews: A Commentary on the Gospel According to Matthew* (Murfreesboro, TN: Sword of the Lord Publishers, 1955), 369. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 47.

3

O Mito de que Somente os Dispensacionalistas acreditam num futuro redentor para Israel

Entre muitos reformadores protestantes houve a crença de que o povo judeu seria convertido ao Cristianismo e, como consequência disso, o mundo experimentaria grandes bênçãos. Essa crença foi amplamente difundida na Inglaterra, Escócia e Nova Inglaterra no século XVII. Seguindo as ideias do reformador João Calvino, os puritanos acreditavam no progresso do Evangelho em todo o mundo. Isto está explícito na Confissão de Fé de Westminster e no Catecismo Maior de Westminster (resposta à pergunta 191). Alguns afirmam que a escatologia agostiniana comum é afirmada na Confissão de Westminster, compatível com suas formas amilenar ou pós-milenar.

Por outro lado, alguns pré-milenistas dispensacionais levam a sério a eleição nacional de Israel. Uma vez que alguém acredita nessa eleição soberana, então, segundo eles, tal pessoa deve ser um dispensacionalista. Se todo o Israel será ou não salvo no futuro, o fato é que não é preciso ser um pré-milenista para acreditar que Deus vai salvar um remanescente de Israel, ao mesmo tempo em que não é

necessário a existência de um moderno Estado israelense reconstituído para salvar um remanescente de israelitas. Mesmo um dispensacionalista não pode negar que os judeus estavam sendo salvos em toda a diáspora nos dias de Paulo e continua até hoje. No decorrer deste capítulo veremos que muito antes do Dispensacionalismo deformar a interpretação da profecia bíblica, muitos comentaristas bíblicos calvinistas e suas confissões doutrinárias fizeram referências específicas sobre a futura salvação de Israel. É lamentável que sobre esse tema o Amilenismo e o Pós-milenismo são deturpados por muitos. É como escreveu o teólogo Gary DeMar:

“Afirmar que apenas o dispensacionalismo leva as promessas feitas para Israel a sério é um exercício de revisionismo histórico e manipulação exegética, especialmente quando os comentaristas pós-milenistas calvinistas e suas confissões são consideradas”.¹

Nunca podemos perder de vista que o Dispensacionalismo é uma invenção do século XIX e não foi sistematizado até o ano de 1909 com a publicação da *Bíblia de Referência Scofield*. Sendo assim, qualquer estudioso da história verá que o futuro lugar de Israel na profecia tem uma longa história entre pós-milenistas calvinistas, algo que muitos dispensacionalistas sabem.

Os pais da igreja

Segundo Dan Shute “a maioria dos pais da igreja acreditava que Paulo se referia a uma conversão em massa dos judeus como um prelúdio para a volta de Cristo”.² A obra judaica cristã intitulada *Os Testamentos dos Doze Patriarcas*, o tratado *De Pudicitia* (“Sobre Modéstia”) de Tertuliano, a *Explanatio* de Cirilo de Alexandria na Epístola ao Romanos e outros são citados por Dan Shute. De acordo com a obra *In Epistolam Pauli ad Romanos*, o apóstolo Paulo diz que os judeus “nem sempre permanecerão estranhos à verdadeira religião:

haverá um tempo em que eles também conhecerão a verdade, assim que as pessoas em todos os lugares possam receber o conhecimento da verdadeira religião”.³

É verdade que vários pais da igreja primitiva não acreditavam que Israel sustentava qualquer posição especial, pois a “maioria dos escritores e escritos neste período [70-165 d.C.] identificam completamente Israel com a Igreja”,⁴ segundo o dispensacionalista Alan Patrick Boyd. Além de fazer referências a Papias, 1ª e 2ª Clemente, Hermas, Didaquê e o Diálogo de Justino Martir com Trifon, um judeu, Boyd escreveu que na Epístola de Barnabé o autor “desassociou totalmente Israel dos preceitos do Antigo Testamento. Na verdade, ele designa especificamente a Igreja para ser a herdeira das promessas da aliança feitas a Israel”.⁵ Ainda segundo os escritos de Boyd, o pastor de Hermas que foi escrito antes do ano 150 d.C., contém “o emprego da fraseologia do judaísmo tardio para fazer da Igreja o verdadeiro Israel”.⁶ Para Justino Mártir “a Igreja é a verdadeira raça israelita, confundindo assim a distinção entre Israel e a Igreja”,⁷ conforme argumenta Dan Shute, acrescentando que “os pais da igreja tomaram como ensino cristão que os judeus seriam eventualmente convertidos a Cristo: ao mesmo tempo, alguns hesitaram em identificar ‘todo o Israel’ apenas com os judeus”.⁸ Este tipo de visão continuou durante o período medieval. “Tomás de Aquino, por exemplo, em seu comentário sobre Romanos, interpreta Romanos 11:15 (“vida dos mortos”) e 11:25-26 (‘E assim todo Israel será salvo’) como referências à conversão dos judeus nos últimos dias”.⁹

Os reformadores

No ano de 1542, antes de escrever seu panfleto “*Sobre os judeus e suas mentiras*”, Martinho Lutero também afirmou que haverá um futuro para Israel com base no texto de Romanos 11:25:

“Eles realmente são inimigos de Deus por amor a vocês, aqueles que acreditam no evangelho: mas no que se refere à eleição, são aqueles de quem Deus elegeu na eternidade, e ele os amou mais do que aos outros: assim, por causa dos pais, eles são eleitos até agora. O fato de que eles são de fato o povo de Deus por causa dos pais é claro. Nem Deus se arrepende de sua promessa. Ele chamou Israel para ser seu povo: portanto, esse povo não será condenado, mas retornará à fé e será salvo, mesmo embora tenham sido rejeitados por um tempo”.¹⁰

O reformador João Calvino afirma que o uso de “todo o Israel” em Romanos 11:26 inclui “todo o povo de Deus” e não exclusivamente os judeus. Ele sugere que a verdadeira religião não será restaurada “de novo como era antes”.¹¹ Calvino escreveu mais sobre os judeus dando uma ênfase diferente em seu livro intitulado *As Institutas da Religião Cristã*:

“Em virtude disso, [Paulo] ensina, os judeus são os primeiros e herdeiros naturais do evangelho, exceto na medida em que, por sua ingratidão, eles foram abandonados como indignos, mas abandonados de tal forma que a bênção celestial não se afastou totalmente de sua nação. Por esta razão, apesar de sua teimosia e quebra de aliança, Paulo ainda os chama de santos [Romanos 11:16]. No entanto, apesar da grande obstinação com que eles continuam a travar guerra contra o evangelho, não devemos desprezá-los, enquanto consideramos que, por causa da promessa, a bênção de Deus ainda repousa entre eles. Pois o apóstolo de fato testifica que nunca será completamente tirada”.¹²

O sucessor de Calvino, Theodore Beza (1519–1605), escreveu que o mundo seria “restaurado da morte para a vida novamente, no tempo em que os judeus devem vir também e serem chamados à profissão do Evangelho”.¹³ O reformador de Estrasburgo, Martin Bucer (1491-1551), escreveu em um comentário de 1568 sobre Romanos que o apóstolo Paulo profetizou uma conversão futura do povo judeu.¹⁴

Segundo o teólogo Gary DeMar, “na Inglaterra, o lugar dos judeus na profecia foi uma questão proeminente no século XVII e era mais verdadeiro entre os ingleses geralmente pós-milenistas e puritanos escoceses”.¹⁵ O pregador e teólogo inglês Thomas Brightman (1562-1607) foi “o primeiro importante e influente Revisor inglês do conceito reformado agostiniano do milênio”.¹⁶ Nesta revisão ele enfatizou a conversão futura dos judeus. Brightman argumentou em seu comentário que a queda do Império turco seria seguida pelo “chamado dos judeus para serem uma nação de cristãos”, um acontecimento que levaria a “uma feliz tranquilidade de lá para o fim do mundo”.¹⁷

Segundo as palavras de Iain Murray, o século XVII e a preocupação para com Israel pode ser resumido desta forma:

“O futuro dos judeus teve um significado decisivo para eles porque eles acreditaram que, embora pouco seja claramente revelado sobre os propósitos futuros de Deus na história, o suficiente nos foi dado nas Escrituras para justificar a expectativa de que com a chamada dos judeus virá bênçãos de longo alcance para o mundo. A Inglaterra Puritana e Escócia da Aliança sabia muito sobre bênçãos espirituais e foi o anseio fervoroso por uma bênção mais ampla, não um mero interesse em profecias não cumpridas, que levou eles para dar tal lugar a Israel”.¹⁸

Tudo isto está perfeitamente de acordo com que muitos pós-milenistas modernos ensinam, isto é, de que haverá uma glória sobre a Igreja por causa da conversão dos Judeus para Cristo; isso é o que Paulo quis dizer quando disse que a conversão dos judeus seria “vida dentre os mortos” (Romanos 11:15). Essa visão e esperança puritana de Murray aparece avançada nas notas da Bíblia de Genebra de 1560.

O teólogo escocês Charles Ferme escreveu no final do século XVI que:

“[O apóstolo Paulo indicou que] quando os gentios fossem trazidos na plenitude, a grande maioria do povo israelita deve ser chamada, através do evangelho, ao Deus de sua salvação, e professará e possuirá Jesus Cristo, a quem, anteriormente, isto é, durante o tempo de seu endurecimento, negaram”.¹⁹

Jonathan Edwards

O teólogo Jonathan Edwards foi um notável pós-milenista que delineou o futuro da Igreja Cristã em seu livro *History of Redemption* (História da Redenção) de 1774. Ele acreditava que a vitória sobre o reino de Satanás envolvia o fim das heresias e da infidelidade, a derrubada do reino do Anticristo (o Papa), a derrubada das nações muçulmanas e a derrubada da “incredulidade judaica”:

“Por mais obstinados [que os judeus] estejam agora há mais de 1.700 anos em sua rejeição de Cristo, e por mais raros que tenham sido os casos de conversões individuais, desde a destruição de Jerusalém... ainda, quando aquele dia chegar, o espesso véu que cega seus olhos será removido [2ª Coríntios 3:16] e a graça divina derreterá e renovará seus corações duros... E então a casa de Israel será salva: os judeus em todas as suas dispersões rejeitarão sua antiga infidelidade e terão seus corações maravilhosamente mudados e se abominarão por sua incredulidade e obstinação do passado.

Nada é mais certamente predito do que esta conversão nacional dos judeus em Romanos 11”.²⁰

Além disso, sendo um pós-milenista, Edwards acreditava que o Sermão Profético de Mateus 24 era sobre a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. A interpretação de Jonathan Edwards sobre o significado da palavra “vinda” em Mateus 24 é a mesma dos preteristas modernos.

Charles Hodge

Charles Hodge foi um grande teólogo de Princeton. Ele escreveu que na profecia de Romanos 11 “os gentios, como um corpo, a massa do mundo gentio, serão convertidos antes da restauração dos judeus, como uma nação” e, após isso, “os judeus, como um povo, que agora são rejeitados; como um povo, eles devem ser restaurados. Como sua rejeição, embora nacional, não incluiu a rejeição de todos os indivíduos; então sua restauração, embora da mesma forma nacional, não precisa ser assumida para incluir a salvação de cada judeu individualmente”. Este não será o fim da história, entretanto; ao invés, “muito permanecerá para ser realizado após esse evento; e na realização do que então restará a ser feito, os judeus terão uma agência proeminente”.²¹

Depois de todos esses dados vistos neste capítulo, não há desculpa para as deturpações mal informadas por parte de muitos dispensacionalistas acerca das expectativas pós-milenistas para os judeus. O que os dispensacionalistas ainda não se deram conta é que sua esperança futura para Israel é mais desfavorável para os judeus do que as expectativas redentoras dos chamados pejorativamente de anti-semitas (os pós-milenistas e preteristas parciais), pois o futuro que o Dispensacionalismo prevê para os judeus é que dois terços deles serão massacrados antes que as promessas sejam cumpridas (Zacarias 13:8). O escritor profético Charles Ryrie descreveu isso como “o pior banho de sangue na história judaica”.²²

O que podemos tirar de proveito da soma do ensino deste capítulo é que os judeus não pereceram de tal forma que nenhuma esperança permanece para sua salvação, ao contrário, eles são preservados até hoje através dos remanescentes que são salvos. Embora agora seja em um pequeno número, um dia eles se tornarão em uma poderosa multidão à vista de toda a humanidade.

Notas

1. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 50. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
2. Dan Shute, “And All Israel Shall be Saved: Peter Martyr and John Calvin on the Jews According to Romans, Chapters 9, 10 and 11,” Peter Martyr Vermigli and the European Reformations: Semper Reformanda, ed. Frank A. James III (Leiden, the Netherlands: Koninklijke Brill, 2004), 162. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 51.
3. Quoted in Shute, “And All Israel Shall be Saved, 162. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 51.
4. Alan Patrick Boyd, “A Dispensational Premillennial Analysis of the Eshatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Marlyr),” unpublished master’s thesis, Dallas Theological Seminary, 1977, p. 47. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 51.
5. Idem nº 1, pág. 51.
6. Idem nº 1, pág. 51.
7. Idem nº 1, pág. 51.
8. Idem nº 1, pág. 51.
9. Shute, “And All Israel Shall be Saved, 163. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 51.
10. Martin Luther, In Epostolam ad Romanos Annotationes in Opera... Latinorum Scriptorum (Zurich: Schulthess, 1838). Quoted in Shute, “And All Israel Shall be Saved, 164. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 52.
11. Idem nº 1, pág. 52.
12. John Calvin, Institutes of the Christian Religion, ed. John T. McNeill, 2 vols. (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), (IV.XVI.14) 2:1336–1337. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 52.
13. Idem nº 1, pág. 52.
14. Quotations from J. A. DeJong, As the Waters Cover the Sea: Millennial Expectations in the Rise of Anglo-America Missions, 1640–1810 (Kampen: J. H. Kok, 1970). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 53.

15. Idem n° 1, pág. 53.
16. Peter Toon, "The Latter-Day Glory," in *Puritans, the Millennium and the Future of Israel: Puritan Eschatology 1600–1660*, ed. Peter Toon (Cambridge: James Clarke, 1970), 26. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 53.
17. Toon, "The Latter-Day Glory," 27. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 53.
18. Iain Murray, *The Puritan Hope: Revival and the Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, 1971), 59–60. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 54.
19. Quoted in Murray, *The Puritan Hope*, 64–65. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 54.
20. Jonathan Edwards, "History of Redemption," *The Works of Jonathan Edwards*, 2 vols. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1834] 1974), 1:607. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 59.
21. Charles Hodge, *A Commentary on Romans* (London: Banner of Truth Trust, [1864] 1972), 374. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 61.
22. Charles C. Ryrie, *The Best is Yet to Come* (Chicago, IL: Moody Press, 1981), 86. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 63.

4

O Mito da Aliança Abraâmica Adiada

“Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam”.

(Lucas 24:21)

“Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.

E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi”.

(Atos 13:32-34)

Os pactos abraâmicos “de acordo com as escrituras são eternos”,¹ assim escreveu o famoso dispensacionalista J. Dwight Pentecost. Se o que esse escritor quer dizer por “eterno” significa “duradouro para sempre”, ou apenas “duradouro”, então os dispensacionalistas não acreditam que os pactos abraâmicos são de fato “eternos”, pois eles dizem que foram adiados por quase 2.000 anos. Uma vez que no sistema dispensacionalista se ensina que o método consistente de interpretação das Escrituras é o método literal, o fato é que chega a

ser surpreendente que haja um equívoco sobre o significado de “eterno” nas palavras de J. Dwight Pentecost.

O escritor Charles Ryrie define a “interpretação literal” aplicando seus princípios para propor uma teoria do adiamento para explicar como a aliança abraâmica não foi realizada durante o ministério de Jesus e depois:

“Os dispensacionalistas afirmam que seu princípio de hermenêutica é de uma interpretação literal. Isso significa uma interpretação que dá a cada palavra o mesmo significado que teria no uso normal, se empregado por escrito, falado ou pensado”.²

A chamada *Regra de Ouro da Interpretação* de David L. Cooper afirma:

“Quando o sentido claro da Escritura torna comum o sentido, não busque nenhum outro sentido; portanto, tome cada palavra em sua forma primária, comum, significado usual e literal, a menos que os fatos do contexto imediato, estudados à luz de passagens relacionadas e verdades axiomáticas e fundamentais indicam claramente o contrário”.³

Estas diretrizes nem sempre são seguidas pelos dispensacionalistas. Isso vemos na maneira como eles interpretam a palavra “eterno”. Se for aplicado o teste literal de Ryrie e de Cooper para a palavra “eterno”, a qual deve ter “o mesmo significado que teria no uso normal, seja empregado na escrita, na fala, ou pensada”, ou mesmo ter o mesmo significado que tem em outras partes da Bíblia, veremos que todos os escritores dispensacionais concordam que a “aliança abraâmica é chamada de eterna na Palavra de Deus” (Gênesis 17:7, 13b, 19; 1º Crônicas 16:16–17; Salmo 105:9–10). O ex-professor de Bíblia e teologia *no Moody Bible Institute*, Paul Benware, escreveu que “essas bênçãos incluíam a garantia de existência nacional, bem como a grandeza da nação, a área de terra de Canaã como uma possessão eterna, e a continuação da aliança abraâmica como uma aliança eterna”.⁴

O grande problema é que há uma contradição no sistema dispensacionalista, pois ao mesmo tempo em que a aliança abraâmica é considerada “eterna”, eles insistem que foi adiada. Um defensor do Dispensacionalismo, escreveu:

“A maioria dos dispensacionalistas defendem uma teoria do adiamento do reino. Os dispensacionalistas acreditam que o reino foi posto de lado, os judeus sofreram a dispersão final, e a igreja, que não foi mencionada no Antigo Testamento, foi dada para alcançar as nações gentílicas”.⁵

Uma rápida pesquisa a um dicionário e ao uso comum, usual, literal do significado da palavra “eterno”, veremos que não inclui a ideia de adiamento. Não há absolutamente nada no “contexto imediato” de Gênesis 17 – mesmo em passagens relacionadas – que haja uma definição de “eterno” que possa incluir a ideia de um adiamento. O bom senso indica que “eterno” e “adiado” são termos contraditórios.

A Primeira Aliança Eterna

Muito antes da aliança abraâmica, foi instituída por Deus uma aliança com Noé. O Senhor Deus disse:

“E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz”.

(Gênesis 8:21)

É tão certa a eternidade desta promessa que ela irá estar de pé “enquanto durar a terra” (Gênesis 8:22). Neste caso, a própria terra teria que deixar de existir para que fosse adiada ou revogada essa aliança. Enquanto alguns dispensacionalistas afirmam que o pacto de Noé permanecerá em vigor “enquanto durar a terra” por ser tratar de

uma “aliança eterna” (Gênesis 9:15–16), mesmo assim, se seguirmos a teologia dispensacional do adiamento, Deus poderia enviar outro dilúvio e ainda não estaria anulando a natureza eterna da aliança com Noé. E de acordo com esse raciocínio dispensacional Deus estaria apenas interpondo um parêntese, um período indeterminado de tempo em que o cumprimento da promessa é adiado. Ou interrompendo o “relógio profético”, conforme se diz no Dispensacionalismo. É claro que alguém em sã consciência não aceitaria tal argumento como sendo legítimo, mas é exatamente isso que os dispensacionalistas fazem com a aliança abraâmica.

E é um fato conhecido que no sistema dispensacionalista não há nenhum problema com lacunas, atrasos, adiamentos e parênteses no tempo do cumprimento profético. Mas se levarmos em conta essa ideia dispensacionalista teríamos dificuldades em aplicar uma metodologia semelhante quando se trata do caráter eterno de Deus, conforme Gênesis 21:33; Salmos 93:2; Isaías 40:28; 1º Crônicas 16:34, 41; 2º Crônicas 5:13; Jeremias 31:3; Habacuque 3:6) ou mesmo em relação a natureza eterna da aliança de Deus com Noé.

A desobediência de Israel

Segundo *Nelson Study Bible* a aliança com Noé permanece em vigor, “não importa o quão mal os descendentes de Noé sejam. De fato, Ele prometeu que até o fim da terra, haveria épocas de plantio e colheita e dia e noite. Deus prometeu unilateralmente manter os ritmos da terra para sustentar a vida humana - embora os humanos tenham se rebelado contra Ele, seu Criador”.⁶ Mas o dispensacionalista dirá que esta mesma promessa não se aplica à aliança abraâmica, mesmo sendo ela também considerada eterna.

O escritor profético Pentecost escreveu que “quando a nação de Israel se recusou a abraçar Jesus como o Messias prometido, a oferta do reino ‘foi retirada e seu estabelecimento adiado para algum tempo

futuro, quando a nação se arrependeria e colocaria fé em Jesus Cristo”.⁷ Simplesmente não existe essa condição ligada ao pacto abraâmico, embora os estudiosos dispensacionalistas insistam continuamente. “A manutenção da aliança não é dependente da resposta daqueles com quem foi feita, uma vez que Deus lida com um remanescente de Israel (Romanos 11:1-5; cf. Mateus 21:43-44; 1ª Pedro 2:9-10)”.⁸

Adicionando à Palavra de Deus

Ao falar sobre a aliança abraâmica, Ryrie escreveu:

“As Escrituras ensinam claramente que esta é uma aliança eterna baseada nas graciosas promessas de Deus. Pode haver atrasos, adiamentos e castigos, mas uma aliança eterna não pode, se Deus não pode negar a Si mesmo, ser revogada”.⁹

Uma vez que já vimos que a aliança abraâmica é idêntica ao texto da aliança de Noé, pois ambas são consideradas eternas, não há espaço para “atrasos, adiamentos e castigos”. Experimente o leitor aplicar o que Ryrie disse no texto acima ao pacto de Noé e veja se faz sentido:

“As Escrituras ensinam claramente que a aliança de Noé é uma aliança eterna baseada nas promessas graciosas de Deus. Pode haver atrasos e adiamentos, mas uma aliança eterna não pode, se Deus não pode negar a Si mesmo, ser anulada”.¹⁰

É impossível que uma aliança seja “eterna” e ao mesmo tempo possa ser revogada, atrasada ou adiada. Outra questão fundamental que não pode ser ignorada é que a eterna aliança abraâmica não menciona sobre a possibilidade de adiamentos ou atrasos. Se houvesse adiamentos e atrasos seria uma aliança condicional. Em nenhum momento Deus disse que essa aliança poderia ter atrasos ou adiamentos. Dizer assim é adicionar a aliança abraâmica condições

que Deus não disse e, ao mesmo tempo, é inventar novas definições da palavra “eternidade”.

A elasticidade da “eternidade” no Dispensacionalismo

De acordo com alguns dispensacionalistas as palavras “eterno” e “perpétuo” em português, ainda que tenham conceitos de eternidade, no hebraico bíblico não carregaria tal conceito. Em outras palavras, para eles “eterno” não significa “para sempre”. Um dispensacionalista escreveu:

“O termo hebraico clássico “para sempre” (*olam*) como [o léxico hebraico] BDB declara, significa “longa duração”, “antiguidade” ou “futuro”. As formas hebraicas significam nada mais do que “até o fim de um período de tempo”. Qual é o período de tempo deve ser determinado pelo contexto ou determinado por passagens relacionadas. No hebraico clássico, essas palavras nunca significaram ou carregaram o conceito de eternidade, mas tiveram uma limitação de tempo. O período de tempo pode ter chegado ao fim da vida de um homem, ou uma era ou dispensação, mas não para sempre no sentido de eternidade”.¹¹

John H. Walton que foi professor de Antigo Testamento e hebraico no Moody Bible Institute, escreveu:

“Existem muitos contextos onde *olam* [eterno] claramente tem mais a ver com uma perpetuidade em aberto do que com uma eternidade absoluta. Em 1º Samuel 1:22, Ana jura que seu filho permanecerá na casa do Senhor [para sempre] *olam*. Isso claramente não significa por toda a eternidade, nem isso até significa para toda a sua vida. Apenas indica que seu voto é em aberto. Não é apenas por um ou cinco anos, mas para sempre [ver Deuteronômio 15:17; 1º Samuel 2:30; Jeremias 17:4]. Não há um termo designado. Até hoje não é incomum ouvir “que o rei viva para sempre”, que é

equivalente a ‘Viva o rei’ - indicando que nada está sendo feito para limitar seu reinado.

O que, então, deve ser entendido quando o texto fala de uma aliança como sendo *olam* [eterna]? A implicação da terminologia é que esses acordos não são temporários, não são paliativos, nem são em caráter experimental. Eles são permanentes no sentido de que nenhum outro arranjo alternativo para servir a esse propósito é imaginado. Isso não significa que o propósito dos serviços nunca ficarão obsoletos. A circuncisão, por exemplo, tornou-se obsoleta embora seja designada aqui como uma *olam* da aliança. Da mesma maneira o convênio Aarônico para o sacerdócio tornou-se obsoleto, embora foi designado uma *olam* do sacerdócio (Números 25:13).¹²

A partir daqui vamos fazer uma aplicação as duas definições da palavra “eterno” (“para sempre” e “longa duração”) para à promessa de terra. Muitos dispensacionalistas afirmam que Israel deve ter “posse permanente da terra prometida”, pois uma interpretação literal da aliança feita para Abraão envolve a existência permanente de Israel como uma nação e a promessa de que a terra seria sua posseção eterna. Sendo permanente deve significar que irá continuar ou durar sem mudanças fundamentais ou marcadas. Também não pode haver adiamentos, especialmente o adiamento que está em vigor há quase dois milênios. Esse suposto adiamento nos mostra que a aliança abraâmica está na fase de adiamento há mais tempo do que na fase de cumprimento. Não se pode chamar esse tipo de coisa de algo “permanente” ou “eterno”.

Se levarmos em consideração a definição que Fruchtenbaum faz da palavra hebraica *olam* (eterno), a qual significa “nada mais do que ‘até o final de um período de tempo’”, poderíamos perguntar: *Quem faz a determinação de qual é esse período de tempo?* Para a resposta a esta pergunta tanto o dispensacionalista como o não dispensacionalista terão opiniões divergentes. Uma vez que segundo as Escrituras Sagradas a nação de Israel já possuía a terra nos tempos bíblicos, pode-se argumentar que o período de tempo especificado já passou. Contradizendo o que as Escrituras realmente afirmam, no sistema

dispensacionalista há o argumento de que Israel nunca teve a plena posse da terra prometida. Sendo assim, a natureza “eterna” da promessa - não importando a definição que seja usada - não é eficaz até que os judeus sejam restabelecidos como nação. Mas o fato bíblico é que Israel entrou e possuiu a terra há milhares de anos:

“Desta maneira, deu o Senhor a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela.

O Senhor lhes deu repouso em redor, segundo tudo quanto jurara a seus pais; nenhum de todos os seus inimigos resistiu diante deles; a todos eles o Senhor lhes entregou nas mãos.

Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu”.

(Josué 21:43-45)

Tudo quanto foi falado no texto acima possui todos os elementos necessários para o cumprimento da aliança feita a Abraão em relação a terra prometida. É fato que Deus em Sua fidelidade deu aos israelitas a terra que Ele tinha prometido dar. Eles não só a possuíram, mas também viveram nela tendo descanso dos seus inimigos que se colocaram diante deles. Sendo assim, nenhuma das promessas que Deus fez a Abraão falhou na casa de Israel. Se esses versículos não estão mostrando algo claro sobre o cumprimento da promessa da terra, então de que outra forma poderia ter sido escrito para os israelitas que eles de fato possuíram a terra como Deus havia prometido? Apesar dessas palavras cristalinas do livro de Josué, os futuristas continuam na insistência em negá-las, dizendo que elas não ensinam o que dizem.

Veja o comentário de Walter C. Kaiser, Jr.:

“Muitas vezes, os estudantes da Bíblia apontam para três passagens que aparecem para sugerir que a promessa de terra a Israel foi realmente cumprida: Josué 21:43–45; 23:14-15; Neemias 9:8. Esses textos afirmam que “nenhuma das boas promessas do Senhor à casa de Israel falhou; cada uma foi cumprida” (Josué 21:45; cf. 23:14). No entanto, os limites mencionados em Números

34:2-12 não são os alcançados nas contas de Josué e Juízes. Por exemplo, Josué 13:1-7 e Juízes 3:1-4 concordam em afirmar que houve muita terra que restou para ser tomada”.¹³

A declaração acima contradiz a interpretação literal da Bíblia tão defendida no sistema dispensacionalista. Veja uma explicação sobre o uso da palavra “todos” em Josué 21:43-45 que alguém deu ao tentar refutar o teólogo Gary DeMar:

“E, claro, o que o Dr. DeMar mais uma vez não consegue perceber é que usar um princípio interpretativo “literal” não significa necessariamente que as palavras de um determinado texto ou passagem serão interpretadas literalmente”.¹⁴

Gary DeMar respondeu:

“Este é um literalista dizendo isso. Não estou interpretando o que acho que ele está dizendo. Quando os literalistas são pressionados a apoiar sua afirmação de que somente eles interpretam a Bíblia literalmente, “literal” aparentemente assume um significado menos do que literal”.¹⁵

Os futuristas para tentar se explicar acabam apelando para a generalização, ou seja, é como apelar para o caso das pessoas entenderem o significado geral do que está sendo declarado. Por isto, os futuristas vão dizer que “há momentos nas Escrituras em que “todos” não significa todos ou tudo sem exceção (Mateus 3:5; 24:14, 22; Atos 2:17; Romanos 11:26), mas às vezes sim”.¹⁶ Mas vamos ler Josué capítulo 21 e compará-lo com essa questão da palavra “todos”:

“Desta maneira, deu o Senhor a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela”.

(Josué 21:43)

Até podemos considerar que a palavra “todos” pode, em alguns casos, não significar a totalidade absoluta, mas o versículo 45 de Josué capítulo 21 é esclarecedor:

“Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu”.

(Josué 21:45)

Observe o leitor as palavras “nenhuma”, “falhou” e “todas”. Fica evidentemente claro que Deus de fato cumpriu Sua promessa em relação a terra. “Visto que Números 34:2–12 e Josué 13:1–7 precedem Josué 21:43–45, parece óbvio que, quando chegamos ao final do livro de Josué, a terra estava na posse de Israel, embora houvesse nações habitando em meio a Israel (Josué 23:4-7). Só porque outras nações residiam na terra não significa que Israel não tinha a posse total da terra. As nações são ditas para ser “uma herança para as vossas tribos” (Josué 23:4). Observe as condições de permanecer na terra: “Sê muito firme, então, em guardar e fazer tudo o que está escrito no livro da lei de Moisés, para que não se desvie dela para a direita ou para a esquerda” (Josué 23:6). O não cumprimento desta condição específica significa que estas nações “serão para ti um laço e uma armadilha, e um chicote para os teus lados e espinhos aos teus olhos, até que pereças desta boa terra que o Senhor teu Deus deu a vocês” (Josué 23:13)”.¹⁷

Como era de se esperar, aí vem uma dúvida sobre o texto de Juízes 3:1–4, que diz:

“São estas as nações que o Senhor deixou para, por elas, provar a Israel, isto é, provar quantos em Israel não sabiam de todas as guerras de Canaã.

Isso tão somente para que as gerações dos filhos de Israel delas soubessem (para lhes ensinar a guerra), pelo menos as gerações que, dantes, não sabiam disso: cinco príncipes dos filisteus, e todos os cananeus, e sidônios, e heveus que habitavam as montanhas do Líbano, desde o monte de Baal-Hermom até à entrada de Hamate.

Estes ficaram para, por eles, o Senhor pôr Israel à prova, para saber se dariam ouvidos aos mandamentos que havia ordenado a seus pais por intermédio de Moisés”.

É claro segundo o texto acima que o objetivo de algumas nações serem deixadas em meio a Israel era para testar os israelitas para saber se eles obedeceriam aos mandamentos do Senhor - embora a terra já estava possuída por eles. Mas foi tão somente a desobediência de Israel que colocou a terra de volta nas mãos de seus inimigos. O Senhor Deus libertou Israel por meio de Otniel, tempo em que “a terra ficou em paz durante quarenta anos” (Juízes 3:11). Depois, em 1º Reis 4:21, 24–25, lemos que “dominava Salomão sobre todos os reinos desde o Eufrates até à terra dos filisteus e até à fronteira do Egito... Porque dominava sobre toda a região e sobre todos os reis aquém do Eufrates, desde Tifsa até Gaza, e tinha paz por todo o derredor. Judá e Israel habitavam confiados, cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, desde Dã até Berseba, todos os dias de Salomão”. Podemos nos perguntar: *O que há nessa passagem de 1º Reis capítulo 4 que não confirma que Israel havia recebido toda a terra prometida?* Um escritor dispensacional argumenta porque não temos a promessa abraâmica cumprida nessa passagem:

“...porque nem todo o território foi incorporado a fronteira geográfica de Israel; muitos dos reinos submetidos mantiveram sua identidade e território, mas pagavam impostos (tributo) a Salomão”.¹⁸

O que o Novo Testamento diz?

O teólogo Gary DeMar explica:

“O que Gênesis 15:18 diz quando comparado a 1º Reis 4:21 e 2º Crônicas 9:26: “À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates...”. Gênesis 15:19-21 implica que outras nações ainda podem estar vivendo dentro das fronteiras de Israel. Isso corresponde às fronteiras atribuídas para o domínio de Salomão. Observe as declarações de que “Judá e Israel viviam em segurança” e em “paz por todos os lados”. O que o Novo Testamento diz? O Novo Testamento não diz nada sobre a

necessidade de cumprir as promessas sobre a terra. Na verdade, somos informados: “Quando [Deus] destruiu sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança, vencidos cerca de quatrocentos e cinquenta anos” (Atos 13:19). Não há discussão sobre re-herdar a terra. A terra física de Israel não tem nenhum papel a desempenhar no cumprimento da aliança abraâmica desde a vinda de Cristo. O mesmo é verdade sobre a circuncisão, sacrifícios de animais, o templo, o trono de Davi e a necessidade de sacerdotes humanos. Todos eles deveriam fazer parte do convênio eterno”.¹⁹

Mas veja o que o profeta Jeremias escreveu:

“Assim diz o Senhor: Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia e a minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia nem noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono; como também com os levitas sacerdotes, meus ministros.

Como não se pode contar o exército dos céus, nem medir-se a areia do mar, assim tornarei incontável a descendência de Davi, meu servo, e os levitas que ministram diante de mim”.

(Jeremias 33:20-22)

Sobre esta passagem temos o argumento dispensacionalista, que diz:

“O Antigo Testamento prometeu que Israel seria novamente restaurado por Deus à proeminência internacional, apesar de seus exilados antigos, sendo Ezequiel 37:15–28 o texto mais proeminente. Ambos Jeremias 31:35-37 e 33:19-26 garantem que esta promessa é tão certa quanto as leis da natureza”.²⁰

O problema é que no texto de Jeremias capítulo 33 Deus afirma que “multiplicará os descendentes de Davi, meu servo [2º Samuel 7:8–16] e os levitas [Números 25:12–13] que ministram a mim” (Jeremias 33:22). Uma vez assim, nos tempos do Novo Testamento não há necessidade alguma de Deus multiplicar os levitas que estavam

Templo e o sistema sacrificial uma vez que Jesus cumpriu todos os requisitos do pacto, pois Jesus é o Davi maior, o sacrifício final e o novo Templo (Atos 2:22-36; Gênesis 22:8; João 1:29, 36; 2:13-22). Ele também é o Grande Sumo Sacerdote” (Hebreus 2:17; 3:1; 4:14; 10:21). Alguém ao estar “em Cristo” tem toda a plenitude das promessas da aliança e uma nova e “melhor aliança” (Hebreus 7:22; 8:6; 12:24). Os cristãos judeus entenderam tudo isso tão bem que decidiram vender suas terras:

“Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade.

José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre, como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos”.

(Atos 4:34-37)

Eles venderam suas terras e casas porque sabiam que o Templo e a cidade de Jerusalém seriam destruídos naquela mesma geração (Mateus 24:1-34). O ponto Central da história é Jesus e não a “terra” e as pedras do antigo Templo (João 2:19; 3:20-24; Efésios 2:19-22; 1ª Pedro 2:4-8). Tudo isto aponta que em nenhuma parte do Novo Testamento é dito sobre o retorno dos judeus à terra para reconstruírem o Templo. O ensino do Novo Testamento é tão amplo que descreve a destruição do Templo e a indiferença para com aquela terra de Israel (Mateus 23:38; 24:2; Mateus 28:18-20). Em uma leitura simples do livro de Atos é possível que em nenhum momento os evangelistas fazem qualquer menção sobre os judeus retornando à terra de Israel. O ensino dos apóstolos do Novo Testamento apontam para coisas muito maiores do que uma simples localização geográfica no Oriente Médio.

A promessa descrita no livro de Jeremias sobre os descendentes de Davi e os levitas encontrou sua realização na Pessoa e obra de Jesus

Cristo. Isto é bem diferente do ensino dispensacionalista que argumenta que todo o sistema da antiga aliança de sacrifícios de sangue será restaurado, anulando assim a obra redentora da cruz quando Jesus declarou “está consumado” (João 19:30; Mateus 27:51; Marcos 15:38; Lucas 23:45). Se ainda houvesse um novo sacerdócio na moderna nação de Israel, isto significaria a reinstalação dos sacrifícios de animais e um templo reconstruído com um novo véu.

O fato hoje é que sob a nova Aliança qualquer pessoa de qualquer nação que estiver em Cristo é descendente de Davi da mesma forma que é descendente de Abraão (Gálatas 3:29; cf. Atos 3:25; Romanos 4:13, 16; Gálatas 3:7-9, 14, 16). Ninguém sob a nova Aliança precisa ser um descendente físico de Abraão para ser um descendente verdadeiro e genuíno dele. A menção dos descendentes de Davi sendo multiplicados tem a ver com seu status como um rei, pois os cristãos são descritos como um “reino” (Apocalipse 1:6). Estamos em Cristo sentados nos lugares celestiais (Efésios 2:6), significando assim a posição real dos cristãos.

Falando agora sobre o lado sacerdotal, o apóstolo Pedro escreveu que somos “como pedras vivas... sendo construídas como uma casa espiritual para um santo sacerdócio, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1ª Pedro 2:5). O versículo 9 mostra tanto o sacerdócio como a realeza dos cristãos. Antes que alguém argumente que estou “espiritualizando a Bíblia”, é necessário que inicie seu argumento com os textos de Pedro apresentados a pouco. O escritor Henry Cowles fez um resumo útil do texto de Jeremias 33:22 e como seria possível ser cumprido nos tempos do Novo Pacto:

“Aqui, como no capítulo 31:35-37, as mais ricas promessas são confirmadas pelas garantias mais fortes. A aliança do Senhor do dia e da noite (ver Gênesis 1 e Salmos 136:8, 9); a constituição divina da natureza, por meio da qual a sucessão de dia e noite continuará enquanto o mundo permanecerá de pé, é lindamente apropriada como o símbolo e a garantia desta promessa infalível a respeito da

realiza e sacerdócio eternos do Messias. Para o Messias, isso deve se referir principalmente e em última instância, e não aos reis meramente humanos da linhagem de Davi ou aos sacerdotes de Aarão. Pois claramente as promessas não tiveram cumprimento adequado naquelas linhas além do Messias. Sua plenitude espiritual nos proíbe de pensar em qualquer coisa menos ou diferente do que a obra de Cristo. - Observe também que as incontáveis multidões da semente de Davi e dos levitas no sacerdócio podem ser cumpridas apenas quando nos referimos a palavra Davi [em referência] ao Messias e tomar a sua semente no sentido amplo que inclui todo o povo do Deus vivo, gentios de fato, bem como judeus, aquela grande multidão que nenhum homem pode contar vista pelo revelador (Apocalipse 7:9). Estes são todos reis e sacerdotes para Deus (Apocalipse 1:6 e 1ª Pedro 2:5). Até mesmo Isaías viu que todo o povo de Deus e não menos os gentios seriam sacerdotes (cap. 61:6 e 66:21)".²¹

Não posso terminar este capítulo sem tratar de um último ponto que é necessário ser esclarecido. É que os dispensacionalistas dirão que o texto de Jeremias 31:35-37 é uma evidência principal de que há um cumprimento futuro para o estabelecimento nacional de Israel:

“Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia e as leis fixas à lua e às estrelas para a luz da noite, que agita o mar e faz bramir as suas ondas; Senhor dos Exércitos é o seu nome.

Se falharem estas leis fixas diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre.

Assim diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus lá em cima e sondados os fundamentos da terra cá embaixo, também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo quanto fizeram, diz o Senhor”.

(Jeremias 31:35-37)

O versículo 36 é o principal:

“Se falharem estas leis fixas diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre”.

O problema da interpretação errônea desses versículos é que ignora que Israel deixou de ser uma nação quando os romanos saquearam a cidade de Jerusalém no 70 d.C., quando o Templo foi destruído e os judeus dispersos pelo mundo. Devemos lembrar também que os dispensacionalistas sempre fizeram questão de declarar que o fato de Israel ter se tornado uma nação novamente em 1948 foi um cumprimento da profecia bíblica. Levando-se em conta o raciocínio dispensacionalista, podemos concluir que do ano 70 d.C. a 1948 d.C., Israel não era uma nação. E aí vem a pergunta: *Como isto se enquadra com o texto de Jeremias 31:36?*

Também se levarmos em conta que os judeus estavam em sua “terceira dispersão” desde o ano 70 d.C., temos uma contradição direta ao que Deus diz em Jeremias 31:36. Em nenhum momento o texto diz que quando Israel se tornar uma nação novamente, eles permanecerão uma nação para sempre. O que o profeta Jeremias está profetizando é uma restauração após o cativeiro da Babilônia. Este é um ponto defendido pela leitura que Daniel fez da profecia de Jeremias (Daniel 9:1-2; 2º Crônicas 36:21; Esdras 1:1; Jeremias 25:11, 12; 29:10-14). Alguns dispensacionalistas têm argumentado que haverá “mais um exílio forçado da terra [de Israel] no meio da Grande Tribulação, aquela falada em Mateus 24:15-28 e Apocalipse 12:6-14. E após a segunda vinda, Israel experimentará sua restauração final. Para alguns, isso seria chamado de quarta dispersão, enquanto para outros, seria a conclusão da terceira”.²² De qualquer forma, temos uma contradição direta do que Jeremias 31:36 deixa muito claro. Depois da restauração do cativeiro de setenta anos, a promessa de que “a descendência de Israel nunca deixará de ser uma nação deveria ter continuado daquele ponto no tempo e além. O exílio forçado que ocorreu no ano 70 d.C. e o próximo que alguns dispensacionalistas afirmam que vai acontecer são contrários ao que a

Jeremias foi prometido por Deus. Portanto, ou a Bíblia está errada ou os dispensacionalistas estão errados”.²³

É certo que o cumprimento dessa promessa feita a Jeremias está no que Jesus disse em Mateus 21:43 :

“Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”.

Veja também os textos de Atos 2:5; 10:22, 35; Romanos 10:19; 1ª Pedro 2:4-12; Apocalipse 5:9; 7:9; 13:7; 14:6. Outra evidência do cumprimento de Jeremias 31:36 é encontrada em Hebreus 11:9-10, 13, 15-16:

“Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.

Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.

E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar.

Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade”.

A Incondicionalidade do Pacto

No Dispensacionalismo se diz que a aliança feita com Israel é incondicional. Mas isto não pode ser verdade uma vez que Deus teve

que suspender o calendário profético para Israel. É como disse o teólogo Gary DeMar:

“Uma vez que os judeus modernos voltaram para sua terra natal na incredulidade, e isso é considerado um cumprimento da profecia bíblica, pois alguns afirmam isso, passagens como Ezequiel 36 nos dizem que Israel retornará na incredulidade, então por que Deus não poderia ter abraçado um Israel incrédulo no primeiro século?²⁴

Notas

1. J. Dwight Pentecost, *Things to Come: A Study in Biblical Eschatology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, [1958] 1964), 69. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 65.
2. Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today*, rev. ed. (Chicago, IL: Moody Press, 1995), 80. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 66.
3. David L. Cooper, *When Gog's Armies Meet the Almighty in the Land of Israel: An Exposition of Ezekiel Thirty-Eight and Thirty-Nine*, 3rd ed. (Los Angeles, CA: Biblical Research Society, [1940] 1958), [i]. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 66.
4. Paul N. Benware, *Understanding End Times Prophecy: A Comprehensive Approach* (Chicago: Moody Press, 1995), 33. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 66.

5. Mal Couch, "The Postponement Theory," *An Introduction to Classical Evangelical Hermeneutics: A Guide to the History and Practice of Biblical Interpretation* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2000), 221. The book is misnamed. Dispensational hermeneutics cannot be described as "classical." Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 67.
6. Earl D. Radmacher, "The Noahic Covenant," *The Nelson Study Bible* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1997), 20. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 68.
7. Pentecost, Thy Kingdom Come, 293. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 68.
8. *10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think*, pág. 68. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
9. Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith*, 53. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 69.
10. Idem nº 8, pg. 69.
11. Arnold G. Fruchtenbaum, *Israelology: The Missing Link in Systematic Theology* (Tustin, CA: Ariel Ministries, 1994), 655–656. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 70.
12. John H. Walton, *Genesis: The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001), 450. Emphasis added. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 70.
13. Walter C. Kaiser, Jr., *Back Toward the Future: Hints for Interpreting Biblical Prophecy* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1989), 111. Beware references Joshua 23:4–7 to support his contention that "The statement in Joshua reflects an Old Testament concept of fulfillment wherein the promise of God was being fulfilled and that generation was getting their share. But it was not the final or ultimate fulfillment of the promise" (*Understanding End Times Prophecy*, 55). What is "the final or ultimate fulfillment of the promise"? Is it in the physical land of Israel, or does the NT direct us to consider a more permanent possession of which the physical land of Israel was a mere type and shadow similar to the tabernacle, temple, circumcision, priesthood, and animal blood sacrifices? (John 4:21; Rom. 4:13; Gal. 4:25–26; Heb. 11:15–16; 12:22–23). "After depicting the role of the servant in this restoration (52:13–53:12), Isaiah pictured the great expansion Zion will experience (54:1–3). This expansion is expressed in territorial terminology. It says, 'Your descendants [seed] will dispossess nations and settle in their desolate cities' (54:3). This is reminiscent of the territorial connotations noted earlier in Genesis 22:17, where it says Abraham's offspring will possess the gates of their enemies" (Thomas Edward McComiskey, *The Covenants of*

Promise: A Theology of the Old Testament Covenants [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1985], 54). Paul makes use of Isaiah 54 by showing how the fulfillment is not in the “children of a bondwoman, but of the free woman” (Gal. 4:31). And who are the children of the free woman? Those who reside in “the Jerusalem above” which “is free” (4:26). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 72.

14. Idem n° 8, pg. 73.
15. Idem n° 8, pg. 73.
16. Idem n° 8, pg. 73.
17. Idem n° 8, pg. 74.
18. Thomas L. Constable, “1 Kings,” The Bible Knowledge Commentary: Old Testament (Wheaton, IL: Scripture Press/Victor Books, 1985), 497. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 74.
19. Idem n° 8, pg. 75.
20. Richard Mayhue, “New Covenant Theology and Futuristic Premillennialism,” The Masters Seminary Journal 18/1 (Fall 2007), 221–232: <http://www.tms.edu/tmsj/tmsj18j.pdf> Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 75.
21. Henry Cowles, Jeremiah, and His Lamentations; with Notes, Critical, Explanatory and Practical, Designed for Both Pastors and People (New York: D. Appleton and Co., 1880), 260. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 77.
22. Arnold Fruchtenbaum, Israelology, 418. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 78.
23. Idem n° 8, pg. 78.
24. Idem n° 8, pg. 79.

5

O Mito da “Teologia da Substituição”

Sobre o tema da Teologia da Substituição temos algumas análises que são típicas da Internet. Veja a seguir algumas delas:

“Uma das doutrinas mais perigosas e subversivas sustentadas pelos adeptos do preterismo é a visão de que no ano 70 d.C., na destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos, a nação da aliança de Deus de Israel foi substituída pela igreja cristã”.¹

Outra postagem diz:

“Há um câncer demoníaco percorrendo o sangue vital da Igreja de Jesus Cristo e seu nome é TEOLOGIA DA SUBSTITUIÇÃO”.²

Um especialista em profecia chamado John E. Young descreve a teologia da substituição como “uma heresia”.³ Uma postagem feita em um site diz:

“Há um poderoso movimento em andamento chamado Teologia da Substituição, que afirma que a igreja é Israel e as promessas feitas a Israel foram principalmente para a igreja. Esse movimento está incorrendo na ira de Deus...”.⁴

Mas a internet não é o único lugar onde são encontradas essas acusações. Walter Kaiser que é um estudioso do Antigo Testamento escreveu que “a teologia da substituição é simplesmente uma má notícia para a Igreja e para Israel”.⁵

Para saber o que é a “teologia da substituição”, às vezes chamada de “supersessionismo” e por que os dispensacionalistas acusam aqueles que mantêm essa posição, aqui está uma definição dispensacional típica:

“Teologia da Substituição: uma perspectiva teológica que ensina que os judeus foram rejeitados por Deus e não são mais as pessoas escolhidas de Deus. Aqueles que defendem esta visão rejeitam qualquer futuro étnico para o povo judeu em conexão com as alianças bíblicas, acreditando que seu destino espiritual é perecer ou se tornar parte da nova religião que substituiu o judaísmo (seja o cristianismo ou Islã)”.⁶

O ensinamento bíblico não diz que o Cristianismo “substitui o Judaísmo”. As genealogias encontradas nos evangelhos mostram que Jesus é “o filho de Davi, o filho de Abraão” (Mateus 1:1). A primeira fase dos tempos da nova aliança era composta por crentes da nação de Israel com expansão posterior para os samaritanos, gregos e demais nações até os confins da terra (Lucas 1–2; João 4:7-45; 12:20-22; Lucas 2:32; João 3:16; 4:42). No dia de Pentecostes ficou claro que predomina “primeiro o judeu”, depois o grego (Romanos 1:16; Atos 2:5). O grego ou os gentios aparecem mais tarde no encontro de Pedro com Cornélio (Atos 10; 11:15–18). Lembrando que a Escritura afirma que os crentes gentios foram enxertados na assembleia judaica dos crentes e receberam “o mesmo dom” do Espírito Santo (ver Atos 1:8; 2:38).

É errado pensar que o dia de Pentecostes foi o começo do “parêntese” referido pelos dispensacionalistas, pois o apóstolo Pedro declara que a manifestação do Espírito Santo nos eventos daquele dia

foi o cumprimento de uma profecia dada a Joel (Atos 2:17; Joel 2:28–32). A mensagem de Pedro foi dirigida para “toda a casa de Israel” (Atos 2:36). O versículo 39 que diz que “a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar”, claramente mostra que o destino espiritual da nação de Israel é o mesmo dos gentios, ou seja, arrependimento e fé em Jesus. É digno de destaque que no dia de Pentecostes ninguém disse nada sobre um atraso nas promessas que foram feitas para Israel séculos atrás.

Na relação dos apóstolos com os judeus não temos em todo o livro de Atos nenhuma menção sobre a terra, um templo reconstruído, a reinstalação de sacrifícios de animais ou qualquer outra coisa relacionada às sombras da Antiga Aliança. Aqueles que venderam suas propriedades (Atos 4:34), o fizeram porque entenderam que possuíam algo melhor, o perdão de seus pecados (Atos 2:38) e o Senhor Jesus como o mediador de uma melhor aliança (Hebreus 8:6). Obviamente que nessas condições aqueles primeiros judeus convertidos não iriam preferir promessas em relação a terra de Israel, ou um templo de pedras, sacrifícios sangrentos anuais etc.

As acusações feitas contra os crentes preteristas parciais e pós-milenistas visa obscurecer ou desviar a atenção das pessoas sobre aquilo que o Novo Testamento ensina sobre as promessas da Antiga Aliança e seu cumprimento na Nova Aliança com Israel e como os gentios são enxertados em uma assembléia israelita (ekklēsia) de crentes. Isto nem de perto é uma Teologia da Substituição. Lamentavelmente o sistema dispensacionalista com sua falsa distinção entre Israel e a Igreja faz com que qualquer pessoa que não seja um pré-milenista-dispensacionalista seja acusada de ser antissemita.

O Problema do Holocausto do Dispensacionalismo

Embora muitos mestres dispensacionalistas façam acusações contra os preteristas parciais e pós-milenistas sobre a questão do antissemitismo, é fato que o sistema dispensacionalista tem um problema muito maior para se justificar. O escritor Dwight Wilson, que foi autor do livro *Armageddon Now!*, é um pré-milenarista que passou toda a sua vida frequentando igrejas pré-milenistas. Ele disse que “alguns destacados pré-milenistas defenderam uma política de “não toque” em relação às perseguições nazistas aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial”.⁷ Veja o leitor que essa ideia está de acordo com os pontos de vista do sistema dispensacionalista, o qual diz que “as nações gentias têm permissão de afligir Israel em punição por seus pecados nacionais” e, uma vez assim, muito pouco outras nações poderiam fazer por essa nação.

Dwight Wilson acrescenta que:

“É lamentável que esta visão permitiu que os pré-milenistas esperassem o fenômeno do “antissemitismo” e o tolerassem com naturalidade”.⁸

Ele também diz que em meados dos anos trinta havia “visões pré-milenaristas” que fizeram oposição ao antissemitismo, mas, depois, seus adeptos agiram como ambivalentes.⁹ Na época, houve pouco clamor moral “entre os pré-milenários... contra a perseguição, pois esperavam ela”.¹⁰

Dwight Wilson continua:

“Outro comentário sobre o antissemitismo europeu geral retrata esses desenvolvimentos como parte do plano contínuo de Deus para a nação; eles eram “Prognósticos da Tribulação de Israel”. Pré-milenistas estavam antecipando a Grande Tribulação, “o tempo de angústia de Jacó”. Portanto, eles previram: “A próxima cena na história de Israel pode ser resumida em três palavras: purificação por meio da tribulação”. Era claro que embora essa purificação fosse parte da maldição, Deus não pretendia que os cristãos participem dela. Claro, também, era a implicação que ele pretendia

que os alemães participassem dela (apesar do fato de que isso lhes traria punição)... e que qualquer clamor contra a Alemanha seria uma oposição à vontade de Deus. Em tal sistema fatalista, opor-se a Hitler era opor-se a Deus”.¹¹

Essa visão de uma previsível perseguição aos judeus antes da Segunda Vinda de Cristo foi a causa de uma política do “não falar”, quando, naquele momento, era necessário combater e se falar abertamente contra o “antisemitismo” virulento. “Para o pré-milenarista, o massacre dos judeus acelerou sua abençoada esperança. Certamente não me alegrei com o holocausto nazista, apenas o observei fatalisticamente como um ‘sinal dos tempos’”,¹² disse Dwight Wilson.

Diante do que foi visto acima, podemos afirmar que é fato que no Dispensacionalismo se espera tanto a perseguição quanto a salvação de um remanescente de judeus.¹³ Ao contrário do que muitos escritores dispensacionalistas acusam acerca dos preteristas e pós-milenistas, são eles, na verdade, que ensinam a teologia da substituição, quando afirmam que a Igreja substitui Israel até o arrebatamento. Os dispensacionalistas Thomas Ice, Tim LaHaye e Mark Hitchcock, admitem que a Igreja substitui Israel antes do arrebatamento:

“Nós dispensacionalistas acreditamos que a igreja substituiu Israel durante a atual era da igreja, mas Deus tem um tempo futuro em que restaurará o Israel nacional 'como a instituição para a administração de bênçãos divinas ao mundo’”.¹⁴

Enquanto muitos escritores dispensacionalistas ensinam sobre um futuro banho de sangue contra a nação de Israel, na interpretação preterista do Sermão do Monte em Mateus 24 se ensina que os discípulos de Jesus alertaram a nação judaica por quase quarenta anos sobre o julgamento iminente (Mateus 3:7; 21:42–46; 22:1–14; 24:15–22). Os judeus daquele tempo que aceitaram o evangelho e deram crédito as palavras de advertência de Jesus, foram libertados “da ira

vindoura” (1ª Tessalonicenses 1:10). Os que se manteram rebeldes contra Cristo não aceitando-o como o prometido Messias, embora tivessem sido advertidos por uma geração (Mateus 24:34), “a ira desceu sobre eles ao máximo” (1ª Tessalonicenses 2:16; cf. 1ª Tessalonicenses 5:1-11; 2ª Pedro 3:10-13).

Conclusão deste Capítulo

O que Deus prometeu para Israel em Jeremias 31:35-36 é o seguinte:

“Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia e as leis fixas à lua e às estrelas para a luz da noite, que agita o mar e faz bramir as suas ondas; Senhor dos Exércitos é o seu nome.

Se falharem estas leis fixas diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre”.

Jeremias 31:7 continua:

“Assim diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus lá em cima e sondados os fundamentos da terra cá embaixo, também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo quanto fizeram, diz o Senhor”.

A profecia acima foi dada há mais de 2.000 anos. Durante o período de tempo que vai do ano 70 d.C. até o ano de 1948, podemos considerar que Israel não era mais uma nação. Por causa disso, sobra algumas opções interpretativas da profecia dada a Jeremias:

“(1) Deus mentiu (impossível); (2) a promessa era condicional (possível); a promessa foi adiada (a resposta de sempre do dispensacionalista); (4) ou o cumprimento foi cumprido na nova nação que cresceu a partir da Nova Aliança (provavelmente)”.¹⁵

A resposta aos questionamentos acima pode ser encontrada no que Jesus disse aos líderes religiosos de Seus dias e na carta de Pedro:

“Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava...”.

(Mateus 21:43-45)

Quando o apóstolo Pedro citou trechos do Antigo Testamento relacionados a nação de Israel - como Êxodo 19:6 - temos a clara demonstração de que a Igreja cumpre o que foi prometido a Jeremias. Veja a seguir:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia”.

(1ª Pedro 2:9-10)

Essas simples palavras nos mostram que não há necessidade de parênteses, ou um adiamento das promessas da aliança para um cumprimento futuro. O apóstolo Pedro, seguindo o ensinamento de Jesus em Mateus 21:43-45, é claro que uma nova nação de crentes em Jesus Cristo foi fundada.

Notas

1. Brian Simmons, “Preterism and Replacement Theology”: <http://tinyurl.com/26pdfvk> Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 81.
2. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 81. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved.

Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org

3. John E. Young, "Clear View: Replacement Theology": <http://tinyurl.com/25plwah> Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 81.
4. Anonymous, "Replacement Theology": <http://tinyurl.com/2vk9s8e>. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 81.
5. Quoted by Thomas Ice in "What is Replacement Theology?": <http://tinyurl.com/38ettfe> Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 81.
6. Randall Price, *Unholy War: America, Israel and Radical Islam* (Eugene, OR: Harvest House, 2001), 412. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 82.
7. Dwight Wilson, *Armageddon Now!: The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), 13. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 86.
8. Wilson, *Armageddon Now!*, 16. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 87.
9. Wilson, *Armageddon Now!*, 94. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 87.
10. Wilson, *Armageddon Now!*, 94. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 87.
11. Wilson, *Armageddon Now!*, 94. Emphasis added. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 87.
12. Wilson, *Armageddon Now!*, 95. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 87.
13. Timothy P. Weber, "A Reply to David Rausch's 'Fundamentalism and the Jew,'" *Journal of the Evangelical Theological Society* (March 1981), 70. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 88.
14. Thomas Ice, "The Israel of God," *The Thomas Ice Collection*: www.raptureready.com/featured/TheIsraelOfGod.html#_edn3 Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 90.
15. Idem n° 2, pg. 94.

6

O Mito que os Sacrifícios de Animais e a Circuncisão são ritos eternos

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.

Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.

De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.

De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.

Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.

Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor”.

(Gálatas 5:1-6)

Os dispensacionalistas parecem ignorar a natureza eterna da aliança da circuncisão na aliança abraâmica. A garantia da existência nacional de Israel e as promessas referentes as terras foram feitas em alianças eternas, mas podemos incluir a aliança da circuncisão que também é considerada “eterna” (Gênesis 17:13). Alguns dispensacionalistas, como J. Dwight Pentecost, tentam separar a circuncisão das outras

promessas da aliança, alegando que “o cumprimento final da lei abraâmica da aliança e a posse da terra pela semente não dependem, no entanto, da fidelidade em matéria de circuncisão. Na verdade, as promessas da terra foram feitas antes que o rito fosse introduzido”.¹ Essa ideia de Pentecost não tem importância alguma, uma vez que é fato que a circuncisão, assim como a aliança em geral, é considerada “eterna” (Gênesis 17:13-14). A circuncisão na aliança abraâmica não possui nenhuma fala de que a mesma teria um cumprimento espiritual no futuro. Mas, mesmo assim, a Bíblia transfere essa observância para uma realidade redentora espiritual (Levítico 26:41; Deuteronômio 10:16; 30:6; Jeremias 6:10). Nos tempos do Novo Testamento temos no discurso de Estêvão, o primeiro mártir, algo que confirma a forma como a circuncisão deve ser entendida nos tempos da Nova Aliança:

“Homens de dura cerviz e **incircuncisos de coração** e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis”.

(Atos 7:51 – o grifo é meu)

No mesmo texto que se diz que a aliança é “eterna”, também podemos notar que o termo é usado para a circuncisão física em particular:

“Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência”.

(Gênesis 17:7)

Mais à frente, no versículo 19, é dito:

“Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência”.

O escritor Lewis Sperry Chafer afirma que “o Pacto abraâmico, ao contrário do Pacto Mosaico que se seguiu, foi declarado ser uma eterna aliança e continuará a ser observada no tempo e na eternidade (versos 7, 13, 19; 1º Crônicas 16:16–17; Salmo 105:10)”.² Preste atenção na frase “no tempo e na eternidade” escrita por Chafer. Então, pelo fato da aliança da circuncisão ser considerada “eterna”, para muitos dispensacionalistas isso significa que o judeus que nascerão durante o milênio deverão ser circuncidados porque qualquer “incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança” (Gênesis 17:14). Essa interpretação acontece porque no Dispensacionalismo há a interpretação literal da profecia bíblica e, portanto, a natureza eterna da aliança de Abraão exige a validade perpétua e prática da circuncisão física. Nesse sistema isso também refere-se a promessa da terra, cujo pacto é eterno e ainda requer um cumprimento futuro. Interpretando assim, no sistema dispensacioalista a natureza eterna da aliança da circuncisão também deve exigir um cumprimento futuro.

No entanto, uma interpretação mais bíblica deve ser encarada. Ao comentar Gênesis 17:14, Ronald B. Allen, professor do Seminário Teológico de Dallas, sugere que uma mudança na questão da circuncisão, ou seja, de ritual físico obrigatório para uma espiritual transformação interna do coração nos tempos da Nova Aliança em Cristo:

“A circuncisão – um sinal exterior - representava um compromisso total com Deus - uma realidade interior. Daí o apóstolo Paulo exigir que o coração seja circuncidado para Deus (Romanos 2:25-29)”.³

Não é de se admirar que no caso das promessas de terra para Israel os dispensacionalistas têm evitado esse tipo de transferência física para espiritual. Acredito que a questão do rito eterno da circuncisão é a chave para entender como a aliança abraâmica pode ser incondicional, eterna e literal, mas não eternamente física ao mesmo

tempo. Mas há um silêncio entre os dispensacionalistas acerca desse assunto.

“Realmente não pensei sobre o problema”

Ao falar em seu livro sobre o mito de que os sacrifícios de animais e a circuncisão são ritos eternos, o teólogo Gary DeMar escreveu:

“Ao preparar este capítulo, eu queria ter certeza sobre a compreensão dispensacional da aliança eterna da circuncisão, então eu verifiquei todos os livros dispensacionais padrão que tenho em minha biblioteca. Foi difícil encontrar quem abordou o assunto. Para não representar mal o dispensacionalismo, entrei em contato com estudiosos dispensacionais e fiz a seguinte pergunta: “Desde que a promessa de terra física é uma aliança eterna, por que não é o mesmo verdadeiro para a aliança da circuncisão física, uma vez que ambas são consideradas 'eternas' (Gênesis 17:8, 13)?”⁴

Como resposta “Benware argumenta que, uma vez que algumas das promessas da aliança abraâmica já foram cumpridas de forma literal, então “todas as promessas terão um literal cumprimento”.⁵ O grande problema dessa declaração é que ela vai contra o ensino do Novo Testamento ao declarar que a circuncisão física é um rito “eterno”. Ainda em sua constante pesquisa sobre esse assunto, o teólogo Gary DeMar recebeu uma resposta de um ex-professor do Seminário Teológico Dallas que, inclusive, foi o único que lhe respondeu naquele momento:

“Eu realmente não pensei sobre a questão da circuncisão antes, visto que você formulou sua pergunta, mas minha resposta inicial é que ela faz parte da aliança eterna. Acontece que depois do milênio e do fato de que não haverá mais filhos nascidos, não haveria mais necessidade de ter a prática para novos meninos nascerem. Os judeus já circuncidados não precisarão ser circuncidados, mas não perderão sua circuncisão em seus corpos ressuscitados”.⁶

Diante da acima declaração, Gary DeMar confessou:

“Fiquei surpreso que ele nunca tivesse pensado na questão da circuncisão desde que ela é parte da aliança eterna que os dispensacionalistas usam para defender sua causa de que há uma distinção pactual entre Israel e a igreja”.⁷

A ideia de uma circuncisão reinstituída durante o milênio possui implicações que são dramáticas e, se for ensinada consistentemente, derruba o ensino do Novo Testamento que afirma:

“Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne.

Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus”.

(Romanos 2:28-29)

No sistema dispensacionalista um judeu da aliança é alguém que deve ser circuncidado, por causa das exigências da aliança abraâmica.

Circuncisão e sacrifícios de sangue

No sistema dispensacionalista a circuncisão não é exigida somente para os judeus durante o milênio, mas para os gentios também - caso eles queiram entrar no quarto templo (Ezequiel 40–46). Na *Bíblia de Estudo da Profecia* de Tim LaHaye, podemos ler sobre essas questões:

“Nenhum estrangeiro que seja incircunciso de coração e carne pode entrar [no templo], nem os descendentes dos levitas conduzirão serviços, além dos descendentes piedosos de Zadoque”.⁸

Embora a circuncisão do coração fosse uma ordenança da Antiga Aliança, conforme textos como Deuteronômio 10:16; 30:6; Jeremias 4:4, somente a circuncisão do coração é exigida nos tempos da Nova Aliança (Romanos 2:28-29). A circuncisão física, não. Toda pessoa que está em Cristo tem a “verdadeira circuncisão” (Filipenses 3:2-3). Mas não é somente a reinstituição da circuncisão que o sistema dispensacionalista requer; também os sacrifícios de animais. John C. Whitcomb escreveu um artigo sobre “O Templo Milenar” na *Bíblia de Estudo da Profecia* de LaHaye, em que diz que “cinco ofertas diferentes em Ezequiel (43:13-46:15), quatro delas com derramamento de sangue, servirá aos propósitos de Deus. Essas ofertas não são voluntárias mas obrigatórias; Deus vai “aceitar” as pessoas com base nesses sacrifícios de animais (43:27), que fazem a reconciliação [expição] pela casa de Israel (45:17, cf. 45:15)”.⁹

Para tentar amenizar os problemas que essa ideia antibíblica gera, Whitcomb diz que “as ofertas não tirarão o pecado (ver Hebreus 10:4), mas elas serão eficazes em santificar os israelitas cerimonialmente por causa de Sua presença infinitamente sagrada no meio deles”.¹⁰ Acerca desta interpretação, o teólogo Gary DeMar responde:

“Esta é uma interpretação impossível por pelo menos três razões. Primeiro, estes sacrifícios são considerados “para expiação” (reconciliação) (Ezequiel 45:15, 17), não, como Whitcomb afirma, “como veículos eficazes de instrução divina para Israel e as nações durante o Reino Milenar”. Segundo, Jesus é o sacrifício definitivo cujo sangue nos purifica do pecado (Hebreus 7:26-27; 8:13; 9:11-15; 10:5-22; 1ª Pedro 3:18). Terceiro, a santificação vem pela “lavagem da água com a palavra” (Efésios 5:26) não pela lavagem do sangue dos sacrifícios de animais”.¹¹

A antiga e a nova Scofield

O teólogo Gary DeMar ao falar da *Bíblia de Referência Scofield*, original de 1909, nos informa que nessa Bíblia “uma nota sobre a natureza desses sacrifícios de sangue descritos em Ezequiel visa

obscurer o problema relacionado ao sangue dos sacrifícios durante os mil anos de Apocalipse 20, alegando que “estas ofertas serão um memorial, olhando para trás para a cruz, como as ofertas sob a velha aliança era antecipatória, aguardando a cruz”.¹² Ele conclui se perguntando: “Por que os judaizantes não pensaram neste argumento?”¹³

Uma outra nota na *Bíblia de Referência Scofield* (1967) reconhece que “o problema é colocado “pela natureza expiatória desses sacrifícios” desde que o Novo Testamento claramente ensina que os sacrifícios de animais não purificam o pecado por si mesmos (Hebreus 10:4) e que o único sacrifício do Senhor Jesus Cristo que foi feito no Calvário completamente prevê tal expiação (cp. Hebreus 9:12, 26, 28; 10:10, 14)”.¹⁴ Devido à sua hermenêutica literal, os editores da *Bíblia de Referência Scofield* resolvem o problema sugerindo que os sacrifícios de sangue “serão de caráter memorial”, e “as referências aos sacrifícios não devem ser interpretadas literalmente”. O autor Ryrrie assume uma posição semelhante, quando escreveu:

“Se o grandes festivais de Páscoa e Tabernáculos devem ser observados durante o Milênio, não há razão para que os sacrifícios também não sejam oferecidos. Então, é claro, serão memoriais do sacrifício consumado de Cristo”.¹⁵

Embora o Senhor Jesus disse que já “está consumado” (João 19:30), no sistema dispensacionalista é afirmado que o derramamento de sangue dos sacrifícios de animais continuarão no período do Milênio, mesmo com os mortos ressuscitados e Cristo glorificado sentado no trono de Davi em Jerusalém. É uma cena esquisita, biblicamente falando, que naquele tempo as pessoas ainda estarão sacrificando animais. O problema é que o profeta Ezequiel não diz que esses sacrifícios “serão memoriais”. O texto bíblico é claro quando diz que eles são para “expiação” (Ezequiel 45:17, 20). Temos nessa visão do templo no livro de Ezequiel uma visão da “renovação da Antiga Aliança do sistema sacrificial que surgiu durante o período de restauração pós-exílio ou a realização que veio por meio da obra

redentora de Jesus de uma vez por todas (Lucas 24:25–27, 44–45). Jesus é o cumprimento do templo em grande escala”.¹⁶

Judaização dispensacional

De acordo com as crenças de alguns professores do Dispensacionalismo, o templo milenar “servirá como o centro para os rituais e ofertas sacerdotais” que “fornecerão orientação na adoração do Messias”.¹⁷

Esses professores até admitem que a visão literal deles pode contradizer passagens como Hebreus 7:26–27 e 9:26, as quais claramente mostram que o Senhor Jesus Cristo foi o perfeito e final sacrifício pelo pecado humano. E para manter sua interpretação dispensacional intacta, os mestres dispensacionalistas dizem que os sacrifícios são para purificação cerimonial. Ao contrário das exigências do sistema dispensacionalista, o ensinamento do Novo Testamento rejeita a necessidade de mais sacrifícios (Colossenses 1:21-22; cf. Hebreus 9:11-14). Essa visão dispensacionalista da história entre parênteses e um retorno aos ritos da Antiga Aliança como a circuncisão e os sacrifícios de animais, me dá toda a certeza de que a reivindicação do Dispensacionalismo como um sistema ortodoxo é falso.

Notas

1. J. Dwight Pentecost, *Thy Kingdom Come: Tracing God's Kingdom Program and Covenant Promises Throughout History* (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), 61. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 95.

2. Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*, John F. Walvoord, ed., 2 vols. abridged ed. (Wheaton, IL: Victor Books, 1988), 2:213. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 96.
3. 10 Popular Prophecy Myths Exposed The Last Days Might Not Be as Near as You Think, pág. 97. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved. Published by The American Vision, Inc. Second Printing July 2010. The American Vision, Inc. www.AmericanVision.org
4. Idem nº 3, pág. 97.
5. Benware, *Understanding End Time Prophecy*, 34. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 97.
6. Idem nº 3, pág. 97.
7. Idem nº 3, pág. 98.
8. Tim LaHaye, gen. ed., *LaHaye Prophecy Study Bible* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 2000), 886, comments on Ezekiel 44:5-15. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 98.
9. John C. Whitcomb, “The Millennial Temple, *Prophecy Study Bible*, 883. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 99.
10. Whitcomb, “The Millennial Temple,” 883. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 99.
11. Idem nº 3, pág. 99.
12. Idem nº 3, pág. 99.
13. Idem nº 3, pág. 99.
14. Idem nº 3, pág. 99.
15. Ryrie, *Ryrie Study Bible*, 1299. Note that Ezekiel doesn’t say anything about a “millennium.” The only place in the Bible where a “thousand years” is used to describe the reign of Christ is in Revelation 20. You will notice, however, that Revelation 20 does not say that Jesus will reign from the earth, that a temple will be built, or that animals will be sacrificed. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 100.
16. Idem nº 3, pág. 100.
17. Tim LaHaye and Thomas Ice, *Charting the End Times: A Visual Guide to Understanding Bible Prophecy* (Eugene, OR: Harvest House, 2001), 94. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 101.

O Mito de que o Templo precisa ser Reconstruído

Houve uma batalha dos romanos pelo Monte do Templo em Jerusalém no ano 70 d.C., a qual varreu completamente aquela magnífica obra arquitetônica. Em nossos dias, muitos judeus querem que aquele templo que foi destruído pelos romanos possa ser reconstruído em toda a sua antiga glória. O obstáculo no caminho que existe atualmente é o chamado Domo da Rocha Muçulmano, do qual, os muçulmanos afirmam que os judeus não têm direito aquele local. Além dos judeus, existem milhões de crentes evangélicos que acreditam que um templo reconstruído deve de haver para a ascensão do anticristo, da grande tribulação e da batalha final de Armagedom.

Para que haja a reconstrução de um templo em Jerusalém, os escritores-intérpretes das profecias dos nossos dias afirmam que deve acontecer um arrebatamento da igreja, o chamado arrebatamento pré-tribulacional, e logo após esse evento a nação de Israel toma o centro do palco na história profética. Segundo essa interpretação, haverá uma série de eventos proféticos que levam até o reinado milenar de Cristo (o Milênio). E isto inclui a reconstrução de outro templo em Jerusalém após a destruição do “templo da tribulação”.

Os intérpretes proféticos defensores de um templo reconstruído admitem que não há versículos bíblicos que digam que vai haver um terceiro templo.¹ Apesar de fazerem essa confissão reveladora, mesmo assim, eles alegam “que haverá um Templo Judeu em Jerusalém, pelo menos na metade do período de tribulação de sete anos”.² Em seu livro atualizado (com 700 páginas), o escritor profético Randall Price ao escrever sobre *O Templo e a Bíblia* diz que a “profecia ainda não pode produzir um versículo do Novo Testamento que realmente declare que outro templo é profeticamente requerido para ser reconstruído”.³ Embora haja nos livros de Esdras e Neemias escritos dedicados aos detalhes da reconstrução do templo quando os judeus voltassem do cativeiro da Babilônia, não há como sequer pensar que haveria pelo menos um versículo no Novo Testamento que diga algo sobre a reconstrução de um distante templo pós-arrebatamento da Igreja.

Embora os dispensacionalistas requerem a reconstrução de um terceiro templo para se encaixar em seu sistema profético, o Novo Testamento absolutamnete não diz nada sobre isso; nem mesmo uma única palavra, pois a obra redentora de Jesus Cristo tornou desnecessário a necessidade da reconstrução de um terceiro templo. O próprio ministério de Cristo em Seu início desmente essa necessidade ao declarar que Ele (Jesus) é nosso tabernáculo (João 1:14), “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29), “o templo” (João 2:19–21), e a “pedra angular” (Mateus 21:42; Atos 4:11; Efésios 2:20).

Por outro lado, e por extensão, os crentes no Novo Testamento são “pedras vivas... sendo construídos como uma casa espiritual para um santo sacerdócio, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio Jesus Cristo” (1ª Pedro 2:5). Todos aqueles que estão em Cristo formam o verdadeiro templo de Deus (1ª Coríntios 3:16; 2ª Coríntios 6:16; Efésios 2:21; Apocalipse 21:22). Nas Escrituras há o ensino claro de que Jesus e o povo de Deus são o foco do único templo que tem algum significado redentor. O fato de uma pessoa estar “em Cristo” mostra que ela está no templo e em tudo o que ele

representava (Romanos 12:5; 1ª Coríntios 1:2, 30; Gálatas 3:14, 28; 5:6). Quando as Escrituras se refere ao antigo templo de pedra, apenas temos referência a sua destruição (Mateus 24:1-2). Nunca temos uma referência a sua futura reconstrução física. Não há sequer uma única sugestão no livro de Apocalipse ou em qualquer outro lugar das Escrituras que diga que a destruição do templo será apenas um estágio preliminar para alguma gloriosa 'restauração' do mesmo em Jerusalém.

E que fique claro aos cristãos de hoje que o templo original era uma sombra do que estava por vir. Ele foi construído para ser um edifício temporário que se conclui na obra de Jesus Cristo (Isaías 66:1-3; cf. 1:11–13; Malaquias 1:10-11). Embora os dispensacionalistas insistam que outro templo é necessário para completar algum tipo de obrigação pactual com os judeus, tal ensinamento vai na contramão do ensino do Novo Testamento. E mais ainda, esse ensino dispensacionalista acaba tornando a “primeira aliança” “perfeita”, deixando assim de procurar um lugar para uma segunda:

“Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda”.

(Hebreus 8:7)

Uma vez que Jesus completou Sua obra redentora, qualquer novo templo feito com mãos humanas é como um templo pagão que não tem vida inerente ou valor redentor (cf. Atos 17:24; 19:26; 2ª Coríntios 5:1). O autor do livro de Hebreus acreditava que o Templo de Jerusalém era apenas uma 'sombra' da realidade agora encontrada em Cristo (Hebreus 8:5), com a consequência de que a nova aliança tornou a “velha aliança” obsoleta (Hebreus 8:13). E isto incluía o templo e tudo mais associado a ele. Portanto, estamos no ‘tempo aceitável’, eis que agora é ‘o dia da salvação’”(2ª Coríntios 6:1-2). O ensino do Novo Testamento traz no ponto máximo tudo aquilo que foi prometido sob as diretrizes da Antiga Aliança. Em resumo, o Novo Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme foi prometido, é a Antiga Aliança cumprida.

Notas

1. Thomas Ice and Randall Price, *Ready to Rebuild: The Imminent Plan to Rebuild the Last Days Temple* (Eugene, OR: Harvest House, 1992), 197–198. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 104.
2. Ice and Price, *Ready to Rebuild*, 198. Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 104.
3. Randall Price, *The Temple and Bible Prophecy: A Definitive Look at Its Past, Present, and Future* (Eugene, OR: Harvest House, 2006). Price has three chapters dealing with predictions in the New Testament on the temple, but he does not reference one verse that says anything about rebuilding the temple (255–324). Apud Gary DeMar, *10 Popular Prophecy Myths Exposed*, p. 104.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrsta.org

